



COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE ECCLESIASTICA

Porto, 1 de Julho de 1914

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

ASSISTENTE ECCLESIASTICO

Dr. Ferreira Pinto

PROPRIEDADE DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA



PREÇO

Numero avulso.	150 reis
Por assignatura	{ seis mezes.	750 >
	{ um anno	1\$500 >

Todos os pedidos devem ser dirigidos á COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
(SECÇÃO RELIGIOSA) Rua da Fabrica, 13 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mariz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, Conego Dr. Antonio Bernardo da Silva, Dr. Antonio de Carvalho e Dr. Arthur Bivar, Dr. Cunha Barbosa, Dr. Leite de Faria, D. Francisco d'Almeida, Zuzarte de Mendonça, Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, Dr. Cunha e Costa, etc.

Historia da Igreja em Portugal

— POR —

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I — Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157. R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE JULHO DE 1914

N.º 7

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

Dr. Cunha e Costa

Temos o prazer de communicar aos nossos presados leitores e assignantes que no proximo numero da *Lusitania* será publicado um artigo d'este illustre advogado e jornalista. O snr. dr. Cunha e Costa, que ficará sendo nosso collaborador assiduo, versará com a costumada proficiencia de assumptos mais palpitantes da vida nacional.

Fazendo esta communicação, agradecemos muito penhorados a sua ex.^a a honra que nos dispensa.

ocasião de visitar diversas vezes em principios de Setembro de 1912, por ocasião do VIII Congresso internacional de chimica applicada, que ali se realizou, e a que assisti como delegado official da Faculdade de sciencias do Porto.

Os Estados-Unidos dão-nos, por muitas formas, a demonstração de que os grandes progressos se casam com o respeito e incentivo á ideia religiosa. «A vida religiosa manifesta-se lá com uma pujança extraordinaria. Mais que uma doutrina, mais de que uma tradição ou uma instituição, a religião é para o americano do Norte um elemento de vida, uma realidade concreta, da qual colhe saúde, força e alegria» (BOUTROUX).

A cathedral, que custou cerca de 4 mil contos (4 milhões de dollars), é de construcção moderna, pois que só ha 4 annos, em 5

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mariz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Iuvenal d'Arquim, Gomes Leal, José Agostinho, Viscontado d'Almeida da Costa, Condevalho e Dr. Ar D. Francisco Monteiro Vacon

Historia

Bach
Socio do I

Tomo I — Desde as origens do christianismo na peninsula até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157. R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE JULHO DE 1914

N.º 7

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Carejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

A cathedral de S. Patricio

E OS SEUS FUNDADORES

EM NEW YORK

I

Uma das provas da exuberancia do desenvolvimento do catholicismo nos Estados-Unidos da America sob o influxo da mais ampla liberdade religiosa e politica é o rapido e moderno levantamento da esplendida cathedral de S. Patricio (*Saint Patrick's Cathedral*), o primeiro monumento religioso de New York, que tive occasião de visitar diversas vezes em principios de Setembro de 1912, por occasião do VIII Congresso internacional de chimica applicada, que ali se realizou, e a que assisti como delegado official da Faculdade de sciencias do Porto.

Os Estados-Unidos dão-nos, por muitas formas, a demonstração de que os grandes progressos se casam com o respeito e incentivo á ideia religiosa. «A vida religiosa manifesta-se lá com uma pujança extraordinaria. Mais que uma doutrina, mais de que uma tradição ou uma instituição, a religião é para o americano do Norte um elemento de vida, uma realidade concreta, da qual colhe saúde, força e alegria» (BOUTROUX).

A cathedral, que custou cerca de 4 mil contos (4 milhões de dollars), é de construcção moderna, pois que só ha 4 annos, em 5

de Outubro de 1910, foi solemnemente consagrada. A solemnidade de então foi uma das festas religiosas de mais pompa realizadas na grande republica norte-americana. Assistiram: o Cardeal VANUTELLI, enviado do Papa; o delegado apostolico, arcebispo FALCONI; o cardeal LOGUE, primaz da Irlanda; o cardeal GIBBONS; a maior parte



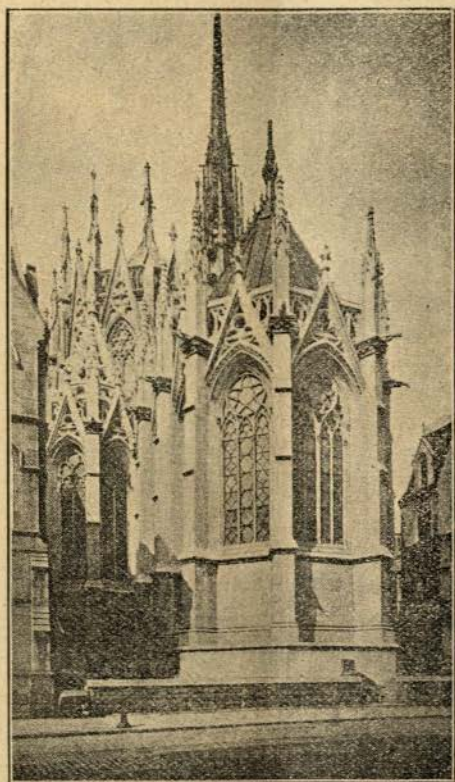
A Cathedral de S. Patricio em New York
(Vista do lado da 5.ª Avenida)

dos prelados dos Estados-Unidos e do Canadá; distinctos representantes do poder civil, nacionaes, dos Estados e municipaes.

A ideia de levantar na capital dos Estados-Unidos um magestoso templo que testemunhasse a importancia e o grande desenvolvimento da ideia catholica n'aquelle empório da vida mundial, deve-se ao 4.º Bispo de New York e seu 1.º arcebispo — Rev. JOHN HUGHES, que governou a diocese desde 20 de dezembro de 1842 a 3 de janeiro de 1864.

Em 1853 encarregou este prelado os architectos J. RENWICK

e W. RODRIGUE de delinear o projecto, cujos pormenores foram definitivamente combinados em 1858. «A empreza a realizar era gigantesca (escrevia-o a um seu amigo o proprio prelado); mas conto que seja terminada dentro de um periodo relativamente curto; e desde então a igreja catholica ha-de occupar o primeiro logar para o povo



A Capella da Virgem na Cathedral de S. Patricio (*The Lady Chapel*)
(Vista da 4.^a Avenida)

da immensa cidade e para o paiz.» O grande prelado via assim mais no futuro do que a maior parte dos seus contemporaneos. O contracto com os architectos acima referidos, que tinham de superintender na obra, foi celebrado em 1859; e toda a construcção do edificio, excepto altares, decorações, janellas, etc., foi ajustada com empreiteiros, para estar feita antes de 8 annos, em 1867. O prazo teve de ser allongado, em consequencia da interrupção das obras desde 1861

a 1866, motivada pela guerra civil, chamada da *secessão*, no tempo do presidente LINCOLN.

A primeira pedra foi assente em 1858, assistindo uma multidão que se computou em 100:000 pessoas. A solemnidade revestiu uma grande imponencia. Era a primeira manifestação publica da grande New York catholica, que foi a maravilha e o assombro do seculo XIX. O bispo fundador pronunciou na occasião um dos seus mais eloquentes e memoraveis discursos.



Rev.^{mo} JOHN HUGHES
1.º Arcebispo de New York

Terminada a guerra civil já não existia o bispo HUGHES e a diocese estava confiada ao seu successor — 5.º bispo e 2.º

o arcebispo, Rev. McCLOSKEY. Este continuou a interessar-se pela obra, que viu terminada, excepto as flechas das torres. Fez duas visitas á Europa em 1874 e 1878 para contractar os altares, decorações, sanctuarios e janellas. N'este anno de 1878 promoveu tambem uma grande «kermesse» em favor do acabamento do templo, de que colheu um pouco mais de 172 contos.

O edificio completo foi solemnemente benzido e aberto ao publico, e celebrada a primeira missa pontifical na festa do papa S. Gregorio VII, em 25 de Maio de 1879. CLOSKEY



S. Em.^ª Cardeal JOHN McCLOSKEY
2.º Arcebispo de New York

tinha já então a purpura cardinalicia, e presidiu á solemnidade, assistido de seis arcebispos, trinta e cinco bispos, uma legião de sacerdotes e milhares de pessoas leigas de todas as classes sociaes; vira elle realizada a obra planeada pelo seu antecessor.

Desde 1879 até 1900 a cathedral terminava no altar-mór, e não havia capella na abside. No primeiro anno d'este seculo a familia de um fallecido banqueiro de New York, EUGÈNE KELLY, offereceu ampliar e completar n'esta parte o templo, dotando-o de uma esplendida capella da Virgem (*The Lady Chapel*), por detraz do altar-mór, em harmonia, pelo estylo e riqueza decorativa, com o resto do edificio. A obra foi realisada, e no natal de 1906 disse-se ahi a primeira missa. Por baixo da capella fez-se uma magnifica sachristia para a qual se desce por uma escada de marmore. Ahi foi construido o jazigo de familia KELLY e as cryptas para os arcebispos fallecidos da diocese.

O estylo escolhido para a Cathedral e a Capella foi o gothico puro, como se vê das figuras que illustam este artigo. Inspiraram-se os architectos nos grandiosos modelos de Reims, Amiens, Colonia, Exeter, Westminster, etc., do velho mundo.

Nenhuma egreja catholica pode ser consagrada sem estar inteiramente alliviada de



Rev.^mo M. A. CORRIGAN
3.^o Arcebispo de New York

dividas e encargos. Ainda o não estava no tempo em que viveu o 3.^o arcebispo da diocese M. A. CORRIGAN, que falleceu em 1902.

Foi no governo do S. Em.^a o cardeal JOHN M. FARLEY, 4.^o arcebispo da diocese e no verão de 1910, que a condição referida foi satisfeita; e então a Cathedral foi solemnemente consagrada, como já se disse.

II

A Cathedral occupa na grande capital norte-americana todo o quarteirão que fica entre a 4.^a e 5.^a Avenida e as ruas 50.^a e 51.^a A frente dá para a 5.^a Avenida, a principal arteria da cidade.

Ha templos mais vastos na Europa; mas pela pureza do estylo, originalidade do desenho, harmonia das proporções, belleza dos materiaes, perfeição de mão d'obra e solidez, a Cathedral de S. Pa-

tricio não é excedida; e é seguramente o templo mais grandioso que existe no mundo dedicado ao Apostolo de Irlanda.

Pela sua capacidade, a Cathedral de S. Patricio occupa o undecimo lugar entre os grandes templos do universo, como mostra a seguinte relação.

Templos	Capacidade
S. Pedro (Roma)	54:000 pessoas
Cathedral de Milão	37:900 »
S. Paulo (Roma)	32:000 »
S. Paulo (Londres)	25:600 »
Santa Petronia (Bologna)	24:400 »
Cathedral de Florença	24:000 »
Cathedral de Antuerpia	24:000 »
Santa Sophia (Constantinopla)	23:000 »
S. João de Latrão (Roma)	22:900 »
Notre Dame (Paris)	21:000 »
S. Patricio (New York)	18:695 »
New Westminster (Londres)	14:592 »
Cathedral de Pisa	13:000 »
Santo Estevão (Vienna)	12:400 »
S. Domingos (Bologna)	11:400 »
Cathedral de Vienna	11:000 »
S. Marcos (Veneza)	7:000 »

Segundo a descripção que temos presente, o cumprimento exterior da Cathedral é 121^m,31; a maxima largura 53^m; a altura das torres até ao extremo das agulhas 100^m,58 (superior de 25,58 á da nossa torre dos Clerigos). A porta principal que dá para a 5.^a avenida tem de largura 10^m e de altura 15^m,54.

O interior é em forma de cruz, e comprehende a nave, transeptos e capella mór ou sanctuario, como lá se lhe chama.

A nave é dividida por soberbas columnas em uma parte central e duas lateraes.

As columnas e todo o interior do edificio são de marmore americano de Pleasantville, de excellente qualidade e côr.

Levar-nos-hia muito longe relatar pormenores a respeito dos altares, das capellas lateraes da nave, das esculpturas, das pinturas, dos orgãos, do côro da igreja e do pulpito.

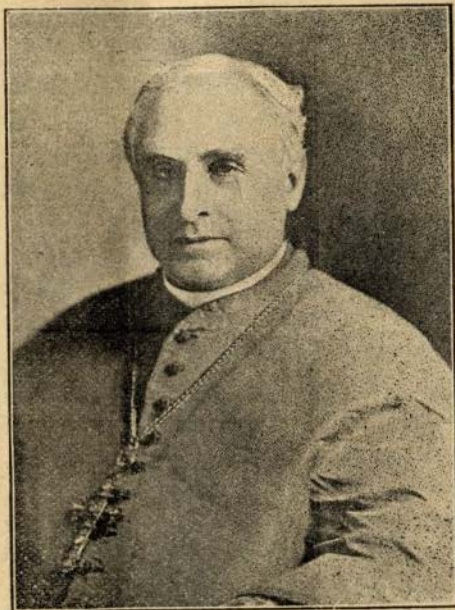
As pessoas a quem o assumpto interessar, pelo lado technico e artistico, podem lêr a *History of St. Patrick's Cathedral*, escripta pelo arcebispo JOHN M. FARLEY.

Ha muitas preciosidades que admirar, devidas á generosidade de doadores opulentos, algumas executadas por habéis artistas europeus. O tabernaculo do altar-mór, feito na Italia, foi doado pelo Cardeal McCLOSKEY, e custou uns trinta e cinco contos. Merecem especial referencia as trinta e nove janellas artisticas e figuradas de entre as setenta e trez que consta a cathedral, as quaes representam, em preciosos vitraes, scenas da Paixão, da vida dos sanctos, etc.; destacando-se a janella da sanctissima Virgem (*The Window of the Blessed Virgin*), que, com outras, foi feita nos «ateliers» de LORIN, em Chartres, e é a perola da collecção; e duas que representam a vida de S. Patricio, em deztoito scenas e se acham nos transeptos.

A iluminação da cathedral é feita principalmente por luz electrica; ha n'ella 2:548 lampadas electricas de 16 *candles*, com um poder total de 40:768 *candles*.

O aquecimento do templo realisa-se pelo vapor canalizado, proveniente de caldeiras que se acham installadas no sub-solo, do lado norte da «*Lady chapel*».

A ventilação é assegurada por um systema de ventiladores e de registos dispostos convenientemente por baixo das bancadas.



S. Em.ª Cardeal JOHN M. FARLEY
4.º Arcebispo de New York

III

A efflorescencia do christianismo, e muito particularmente do catholicismo, nos Estados-Unidos, é sem precedentes na Historia. Em 1850 havia na diocese de New York 57 egrejas e 55 capellas

e ermidas dedicadas ao culto catholico; os ecclesiasticos eram apenas em numero de 99 e a população que seguia essa confissão era de 600:000 pessoas.

A estatistica de 1910 consigna 559 egrejas, capellas e ermidas; 929 ecclesiasticos, dos quaes 605 seculares e 324 regulares; e uma população catholica de 1.219:920 pessoas. As instituições sociaes de character catholico teem augmentado assombrosamente. Só em New York ha 180 escolas parochiaes para rapazes e raparigas, frequentadas por 60:000 alumnos, a que ha acrescentar as que são estabelecidas fóra de New York, mas dentro da diocese, e cuja lotação é de uns 13:000 alumnos. Ha 3 escolas para surdos mudos, 15 creches, 5 hospícios para emigrantes, 4 asylos de velhos, 23 hospitaes, 7 asylos de orphãos, 2 asylos para cegos e 36 escolas de officios e industriaes, academias e collegios de meninos e meninas, etc.

Vê-se quando é vivido e vivificante o sentimento religioso e catholico n'este paiz tão progressivo e tão livre, como são os Estados-Unidos.

DR. FERREIRA DA SILVA.

Professor da Faculdade de Sciencias do Porto.

Uma nova tendencia anti-mechanicista

Muito se tem escripto modernamente sobre a theoria da evolução, que o «monismo materialista» arbitrariamente estende a todo o universo, assim material como moral, sem restricção de qualidade nenhuma.

Essa theoria, que, ao menos na fórmula e dentro dos limites que lhe foram traçados por Darwin, conseguira a sympathia e o applauso quasi geral dos mais insignes biologistas da segunda metade do seculo passado, desde ha tempos que vem sendo vivamente combatida por muitos dos seus mais ardentes partidarios e pontifices doutr'ora.

E se outros hesitam ainda em dar o passo decisivo,

não é tanto o valor intrinseco da theoria que os detem, como a aura de popularidade que ella conquistou n'outras eras e que necessariamente levará seu tempo a dissipar-se: a auctoridade é, mesmo em «sciencia», um elemento conservador de valia.

«O maior numero dos zoologistas são hoje em dia evolucionistas e darwinistas exactamente pela mesma razão porque o não eram os seus predecessores de ha vinte ou trinta annos, isto é, em obediencia á auctoridade, para permanecerem orthodoxos... Os rebeldes de ha trinta annos eram os darwinistas; hoje que o dogma official é precisamente o darwinismo, com as suas infinitas correcções, accrescimos e exaggeros, taxa-se de heretico (no nosso caso o apodo é de clerical ou mais elegantemente de clericaloide) a quem se atrever a discutir o dogma ou a duvidar d'elle¹».

Tal é o severo juizo que, a respeito da psychologia dos actuais darwinistas, formulou um dos mais distinctos representantes das sciencias biologicas na Italia, n'um celebre discurso de inauguração da cadeira de zoologia e anatomia comparada da R. Universidade de Padua, de que é proprietario.

O nucleo dos dissidentes engrossa contudo de dia para dia e este successivo e reiterado ingresso dos «fieis» de hontem nas fileiras do velho vitalismo é symptoma bastante expressivo de que um novo espirito informa a sciencia do seculo vinte e uma profunda renovação se vae lentamente operando nas altas esferas do saber².

¹ D. Carazzi. *Teorie e critiche della moderna biologia*. Prolusione letta il 20 gennaio 1906.

² Para o estudo do actual movimento neo-vitalista, sobretudo na Allemanha e na Italia, cfr. Gemelli, *L'Enigma della vita* (1910), pag. 135; e V. Gregoire, *Le mouvement anti-mechaniciste en Biologie* na *Revue des Questions scientifiques*, outubro 1905.

Anologo a este recente movimento de ideias no campo biologico, é o que, desde 1895, se vai acentuando insistentemente nas sciencias physicas n'um sentido tambem abertamente anti-mechanicista. Cfr. *Revue neo-scholastique de Philosophie*, agosto 1911, pag. 341 e fevereiro 1912 — artigo de D. Nys.

Entretanto, um bom numero de evolucionistas, comquanto sintam a necessidade de «marchar» e seja o primeiro a alinhar no combate á theoria darwiniana (particular e infeliz maneira de explicar o phenomeno evolutivo, dizem) alimenta ainda a esperança de salvar da derrocada o principio da evolução.

É d'este grupo, que, attenta a maneira especial como encara a explicação do universo, tem sido designado com o nome de psycomonismo, que pretendo occupar-me aqui.

O psycomonismo ou monismo psicobiologico, panpsychismo, polipsichismo, é um dos muitos systemas forjados no proposito de explicar o universo com o proprio universo, independentemente de todo o elemento ultramundano.

Como o nome o indica, elle é, primeiro e acima de tudo, uma forma de monismo de character evolucionista.

E como tal, o famoso principio da continuidade de Leibniz e o da evolução universal, são para elle basilares. O mundo é constituido por uma unica realidade de que os varios graus de ser, que formam a variedade e a beleza do universo, não passam de simples modalidades: há continuidade entre o mundo inorganico e o organico, entre a planta e o animal, entre o animal e o homem.

É este o fundo commum das duas escolas: a psycomonista e a monista de feição darwiniana.

A discordancia de vistas só começa desde que se trata de explicar o phenomeno evolutivo.

A escola darwinista é n'este ponto irredutivelmente mechanicista: ella não reconhece outros factores da evolução alem dos factores mechanicos; tão pouco admite a existencia de causas finais no universo.

A finalidade do universo seria uma pura illusão de optica mental, e o proprio universo um aglomerado ou arranjo de atomos e de movimentos, ou, quando muito, de atomos e de forças mechanicas; visto como, em ultima analyse, as forças fisico-quimicas reduzir-se-hiam a forças mechanicas.

Assim que, para o mechanicismo, o mundo viria a ser muito simplesmente uma machina gigantesca, fortuita-

mente montada, e movendo-se casualmente, machinalmente, ás cegas... Uma especie de cavallo mechanico galopando á tóa, sem freio nem rumo premeditado, « galope exaltado até á volatilização das proprias ferraduras », n'uma pittoresca imagem muito familiar a determinado escriptor da *Renascença Portuguesa*.

Ora é justamente contra esta concepção simplista que reage o psicomonismo.

Longe de ser illusório, o facto teleologico é palpavel e incontestavel em toda a natureza, e, a sua pretendida explicação puramente mechanica, manifestamente insustentavel e, em todo o caso, insufficiente.

O psicomonismo é pois duplamente *anti-mechanicista*.

É por este primeiro character, negativo, que elle se distancia do darwinismo e de todas as correntes mechanicistas. Todavia, o psicomonista recusa-se a sahir fóra do universo em busca do ultimo porquê da ordem cosmica. Como, então, encontrar, adentro d'elle mesmo, a chave do enigma? Attribuindo uma faculdade psychica, e em particular uma intelligencia, não só ao homem e aos animaes, mas ainda ás plantas e a cada uma das celulas do organismo animal ou vegetal.

Essa intelligencia ou « intellecto organico », como dizem, é considerado pela maior parte dos escriptores como inferior em capacidade ao intellecto humano, mas um ou outro não hesita em attribuir-lhe uma actividade « infinitamente mais perfeita e mais sabia » que a do nosso « intellecto pessoal » !¹

A admiravel disposição anatomica e physiologica dos organismos seria obra d'esta prodigiosa faculdade, a qual,

¹ Vogt, *O intellecto organico*, pag. 16, citado por B. Rutkiewicz em *Il psicomonismo*, pag. 14 (1912).

N'este opusculo, que aliás não prima pelo valor literario e clareza de exposição, encontrará o leitor o elenco bibliographico das obras dos principais auctores psicomonistas allemães, nomeadamente de Augusto Pauly, H. Francé e Adolfo Wagner, bem como uma succinta exposição de certas ideias peculiares a alguns d'elles.

como o intellecto humano, «escolheria» e «utilizaria» os meios adequados á vida individual e da espécie.

A actividade psychica, porém, nem sempre seria consciente. A par da actividade consciente das cellulas nervosas animaes, dão-se tambem phenomenos inconscientes nas outras partes do organismo. Ora é precisamente este o estado em que se encontraria a consciencia, considerada como propriedade geral dos seres, n'aquelles dentre elles que commumente reputamos desprovidos de consciencia: nos vegetaes e nos corpos brutos.

Mas, apezar de inconscientes, os actos psychicos dos seres inferiores e das cellulas somaticas dos organismos vivos, poderiam as cellulas respectivas trocal-os entre si e reagir ás necessidades umas das outras como se foram suas proprias.

E esta capacidade explicaria nos seres vivos a unidade do funcionamento vital.

Em summa: todo o ser vivo seria uma verdadeira «colonia» constituida de elementos psychologicamente «sociaveis» e dotado de uma tendencia teleologica, autonoma, activa, não-mechanica, analoga áquella a que obedece o homem quando, guiado pela propria intelligencia, concebe um determinado escopo e ordena os meios para attingil-o.

E note-se ainda que, como já se deixou entrever, sendo a ordem e a finalidade um facto geral na natureza, e, além d'isso, o criterio e o indice da actividade psychica, como dizem, esta tem necessariamente uma extensão cosmica illimitada.

«A vida é uma propriedade do universo», escreve A. Pauly¹, e as forças psychicas são imanentes em todo elle, até mesmo nos seres anorganicos².

Mas qual é a natureza d'estas forças?

¹ Darwinismus und Lamarckismus, pag. 291 (1905).

² Na actividade psychica attribuida ao mundo inorganico alguns psycomonistas veem uns rudimentos da faculdade de julgar. Cfr. B. Rutkiewicz pag. 15.

«As forças psychicas, que dominam, como causas, toda a evolução organica, não são uma energia *sui-generis*, como suppunha o velho vitalismo ¹»; são pelo contrario da mesma natureza que as demais formas de energia material commum a todos os corpos.

Os actos psychicos são pois de natureza energetica, e, para alguns psicomonistas, tratar-se-hia simplesmente de uma forma de energia electrica.

Em resumo: para o psicomonismo:

1) a ordem cosmica de character teleologico ou finalista, é manifesta na natureza, como regra; a sua explicação, puramente mechanica, inadmissivel;

2) a sua verdadeira razão de ser está na actividade psychologica consciente ou inconsciente, commum a todos os seres do universo; todavia os phenomenos psychologicos e os phenomenos phisicos são, em si, identicos e convertiveis.

Consequentemente, a evolução cosmica não obedece a um plano geral traçado préviamente por um agente exterior ao mundo e d'elle distincto, senão que é simplesmente o producto de factores psychicos immanentes nos seres da natureza, como as obras de arte o são da intelligencia do artista.

O psychomonismo inspira-se nas ideias de Hartmam, um dos seus precursores, e é nomeadamente entre os biologistas allemães que se encontram os seus principaes patronos ².

Muitas das ideias que lhe servem de *substrato* vêem-se por isso disseminadas, aqui e álem, nas obras dos vulgarisadores das doutrinas do philosopho do «inconsciente».

¹ Pauly, Ob. cit. pag. 2-6.

² Cfr. sobre a litteratura psicomonista, De Sinety, *Le monisme psychobiologique*. Rev. des Quest. scient. julho 1910.

Entre nós, por exemplo, abundam nas obras litterarias de Junqueiro e de um rasoavel numero de escriptores da *Renascença Portuguesa*, em cujas obras adeja de ordinario um espirito orientalista vagamente pantheistico.

Darei apenas uma amostra, bem que podesse sem temeridade documentar largamente a affirmação de que taes ideias constituem a inspiração e o lemma d'aquelles literatos, alguns dos quaes se enfeitam abusivamente com o titulo de spiritualistas, quando na realidade o seu «espiritualismo» cifra-se n'um vaporoso «saudosismo» especie de culto místico indefinivel que apresentam como o fundo sentimental da nossa raça, varonil outrora quando ao oriente impunha a sua civilização, efiminada hoje que de lá recebe as infiltrações da sua philosophia e dos seus sonhos, n'um *quietismo* morbido assustador!...

São da «Oração á Luz»:

«Fragas immoveis, taciturnas,
Que nós pizamos, caminhando,
São almas lentas, infimas, nocturnas,
Cegas e surdas, que se estão beijando!...»

E da «Oração ao Pão»:

«Quando a ceára é ceifada, acaso o grão
Terá dôr? Porque vão?!»

Antonio Correia de Oliveira canta, por sua vez, na «Creação»:

«A Dôr! o Amôr! — eis toda a evolução:
Por ella, accorda a Forma que dormia;
Por elle, a Alma, é ancia, aspiração.»

As leves observações criticas que passamos a esboçar recahirão sómente sobre as duas primeiras affirmações psychomonistas que antecedentemente apontamos: iden-

tidade dos phenómenos physicos e dos psychicos; extensão cosmica d'estes ultimos.

A primeira, a bem dizer, não é exclusiva de psychomonismo, e sim dogma commum a todas as escolas materialistas. Dedicar-lhe-hemos poucas linhas.

A segunda, essa sim que lhe é peculiar; todavia, como no conjuncto *systhematico* da theoria, ella representa antes uma ilação do que uma premissa basilar, tambem não gastaremos muitas palavras a rebete-la.

Reservar-nos-hemos, *romano pois*, para, em um segundo artigo, analysar mais de espaço a face de todas a mais engenhosa, mais interessante, e não menos arbitraria, do psychomonismo — a sua explicação psychobiologica da finalidade (que constitue o seu principal cavallo de batalha) e os argumentos em que *romano a estriba*.

1. *Natureza dos phenomenos psychicos.*

Deixando de lado os phenomenos inconscientes, cuja existencia e carater só por via indirecta podemos suspeitar, os outros phenomenos psychologicos alinham-se, no homem, em duas cathegorias reconhecidamente inconfundiveis: phenomenos sensitivos e phenomenos racionaes.

Ora, tanto uns como outros são manifestamente irre-reductiveis, em que pese ao monismo materialista, aos phenomenos physiologicos que os antecedem, acompanham ou seguem.

São os mais sinceros, d'entre os principes das sciencias experimentais, os primeiros a reconhece-lo.

Du Bois-Reymond, por exemplo, n'uma sessão memoravel da Academia das Sciencias de Berlim, não hesitou em pronunciar, a este proposito, as seguintes palavras: « Que conexão imaginavel pode haver, d'uma parte entre movimentos determinados de atomos determinados no meu cerebro, e d'outra parte os factos para mim primitivos, incontestaveis como estes: eu sinto uma dôr, sinto-me transportado de alegria; sinto um sabor doce, aspiro um perfume de rosa, ouço um som de orgão, vejo uma côr vermelha? É impossivel entrever como a consciencia possa nascer do concurso dos atomos ».

E A. Fouillée, bem que positivista, expressa-se do mesmo modo: «A vida e a consciencia não podem ser uma simples transposição de atomos estupidos e mortos no espaço e no tempo: não é mudando de logar a estes pequenos cadaveres infinitissimas, de maneira a pôr um á direita e outro á esquerda, que se gera a vida, a vida sobretudo que se sente a si mesmo. . . Como poderia portanto o pensamento provir d'um simples movimento?» (L'évolutionisme des idées-forces).

É possível, observa por sua vez um fino psicologo ¹, que a sciencia consiga um dia illuminar o interior d'um cerebro vivo e projectar a sua imagem ampliada sobre um espelho onde todos os espectadores possam ver os movimentos incessantes das moleculas cerebrais; comtudo, ainda n'esse caso, as scenas internas, o pensamento, o sentimento, a sensação, permaneceriam veladas ao mundo exterior, e só uma luz interna, muito intima, chamada *consciencia*, precisamente porque é inseparavel dos factos que acompanha (*scientia cum*), denunciaria a sua presença.

Os factos psychicos, considerados em si mesmos, escapam pois e escaparão sempre á mais penetrante analyse e aos mais delicados instrumentos de observação exterior.

Auctor exclusivo e teatro unico das scenas silenciosas, mas tragicas por vezes, que no fundo do seu ser e fora dos olhos do publico despreocupado se desenrolam, o sujeito consciente é tambem o unico actor e o exclusivo expectador d'ellas.

É por isso que os esforços tentados pelo monismo materialista, para fazer entrar os phenomenos psychicos na cathegoria dos factos de ordem puramente corporea, teem sido completamente inuteis. É facil *dizer-se* que uma sensação, uma emoção não passam de reacções chemicas, de movimentos moleculares ou atomicos, de uma forma de energia convertivel em calor, em luz, em electricidade:

¹ Boirac, *Cours Élémentaire de Philosophie*, (1904), pag. 8.

mas tais asserções não offerecem nenhum sentido intelligivel ¹.

É por isso ainda que, após o congresso internacional de psicologia, reunido em Roma em abril de 1905, o prof. De-Sario, presidente da segunda sessão do congresso, dando conta das discussões travadas entre os congressistas, assim se exprimia: « Vós podeis, disseram em substancia Lipps e tantos outros, vós podeis estudar o corpo nas suas relações com as varias formas de actividade psychica, e fareis psicologia phisiologica; mas não deveis presumir de chegar por tal via a uma explicação e interpretação d'aquillo que ha de mais notavel e caracteristico na vida do espirito. Além de que entre o phisico e psychico ha verdadeira *incommensurabilidade*, existem muitas formas de actividade espiritual que é impossivel reduzir a manifestações de energia physica, qualquer que seja o aspecto sob que esta se cõsidere, e a movimentos mechanicos mais ou menos complicados ». E, o mesmocritico, resumia d'este modo as conclusões do congresso: « que a materia não contem a razão do espirito, e que, portanto, a psicologia é sciencia autonoma, e não está compreendida na phisiologia » ².

De resto o caracter inconfundivel dos phenomenos psychologicos resalta incontestavel se attendermos a que elles estão invariavelmente subordinados a uma disposição *psychica* que não tem termo correlativo no mundo puramente corporeo.

Apoz a acção do excitante sobre o orgão dos sentidos, este *responde* exprimindo cognoscitivamente o objecto conhecido. Mas como pôde o sujeito exprimir psychicamente o objecto conhecido? Pela união d'um e d'outro, união *immanente*, vital, operada, em consequencia, não pela projecção do sujeito sobre o objecto, mas pela interiorisação d'este n'aquelle.

¹ Mercier, *Psychologie* (1912), tom I, pag. 224.

² Cfr. G. Ballerini, *Il principio di Causalità e l'esistenza di Dio*, (1908), pag. 130.

E não é evidentemente nas condições grosseiras da sua existencia material que o objecto se une ao sujeito cognoscente, senão pela unica maneira porque póde ser por elle *assimilado* — sob a forma de *semelhança* ou de *imagem*.

Imagem - conhecimento que, para a distinguirmos das imagens materiaes e physicas, chamamos *psychica*, ou na linguagem dos antigos escolasticos, *intencional*.

Ora este modo intencional da existencia do objecto no sujeito, que o assimila psychicamente, não tem analogo na ordem mechanica, physica ou chimica: é d'outra *ordem* que, por exclusão, podemos chamar *hyperphysica*.

E o facto interno que experimento quando digo: eu vejo, eu ouço, eu *sinto*, tem, por igual, um character que não é mechanico, nem physico, nem chimico, nem physiologico e que, de accordo com a linguagem universal, para accentuar essa differença, traduzimos pelas palavras — *psychico*, *psychologico*, *ccnsciente*, ou por um termo indefinido, *hyperphysico*. Outrosim o sujeito capaz de um acto de percepção não é exclusivamente um corpo physico, mas possui uma propriedade superior, *hyperphysica*.

Conclusão ainda mais evidente, se é possivel, se á rapida analyse dos phenomenos sensitivos acrescentassemos a dos actos racionaes do homem, absolutamente refractarios ao tempo e ao espaço, incommensuraveis, porquanto possam ser e tenham sido medidos os phenomenos physiologicos que invariavelmente os acompanham.

Mas é tempo de concluir, e fal-o-hemos com as palavras de um sabio psychologo ¹ que, referindo-se á theoria que considera a consciencia como um phenomeno accessorio do processo nervoso — um « epiphenomeno » —, expressa-se n'estes termos: « Durante alguns annos, esforcei-me por fazer uma ideia precisa sobre a hypothese da consciencia epiphenomeno, mas cada vez me convenço

¹ Sedgwick-Minot, *Revue scientifique*, 16 de Agosto de 1902, pag. 194.

mais de que esta hypothese não é senão uma phrase vaga, um subterfugio que na realidade se resume n'isto: nós podemos explicar a consciencia muito facilmente, admitindo simplesmente que ella não tem necessidade de explicação. Não é realmente o que confessa a famosa expressão segundo a qual a consciencia do cerebro não tem mais necessidade de ser explicada que a aquosidade da agua?». E termina por estas linhas severas e significativas: «O monismo não é um *systema* de philosophia muito robusto; é menos o producto de meditações profundas e originaes que o resultado de uma tendencia contemporanea. Não é a consequencia inevitavel d'um *systema* logico, porque elle omitta a consciencia, é antes um resultado incidente d'um impulso intellectual. A sua grande popularidade denuncia a sua falta de profundeza, e o seu fraco pelas formulas simples é caracteristico d'essa mediocridade de pensamento muito mais ambiciosa que o talento verdadeiro e que acceita a simplicidade das formulas como o equivalente da evidencia».

2. *Extensão cosmica dos phenomenos psychicos.*

Se é gratuita e insustentavel a identificação *psycomonista* dos factos *psychicos* e dos *physicos*, indubitavelmente heterogeneos, não o é menos a sua pretensão de ampliar a todos os seres do universo a consciencia, embora em grau differente.

O principio da continuidade de Leibniz, em que essa ampliação se baseia, não pôde acceitar-se sem que seja experimentalmente estabelecido; primeiro e muito menos pôde applicar-se ao mundo real sem préviamente fixar pela experiencia os limites da sua extensibilidade. A concepção *psycomonista* é pois, já por esta parte, manifestamente *apriorista*. Mas, além d'isso, a differença entre o mundo vegetal e o mundo mineral, attestada nitidamente pela experiencia, encontra-a directamente.

Mas ha mais: os caracteres do inconsciente (estado em que se encontraria a consciencia nos seres inferiores ao reino animal) nem os proprios *psycomonistas* lograram ainda enxerga-los e defini-los com clareza: não se pôde

precisar se se trata d'uma consciencia surda ou d'uma absoluta ausencia da consciencia actual. Ora uma consciencia surda manifesta-se necessariamente por signaes sensiveis e exteriores, e estes, de facto, nem os vegetaes mais perfectos os dão a conhecer. Acresce que o inconsciente seria naturalmente ordenado para a consciencia, e assim, nos vegetaes mais perfectos sob o ponto de vista da organização, dever-se-ia encontrar ao menos uma primeira e rudimentar manifestação d'esta ultima; pois que nos animaes, mesmo n'aquelles que na escala dos seres são muito inferiores aos vegetaes superiores, essa manifestação encontra-se. Ora a verdade é que nenhum dado experimental permite verificar a presença da sensibilidade nos vegetaes superiores ¹.

Por maioria de razão, a attribuição da consciencia aos seres inorganicos é o cumulo da arbitrariedade.

« Pois que as «almas» dos systemas anorganicos não manifestam a sua presença, como fazem a alma do homem e dos animaes, a affirmação do panpsiquismo é absurda. »

E de modo semelhante se exprime um distincto biologista num discurso que deu echo: « Que a vida da materia seja constante, geral, perpetua e universal e não exclusivo apanagio momentaneo e fugitivo das plantas e dos animais; que não exista materia morta, que toda a materia seja viva, são expressões poeticas que não correspondem a nenhuma concepção scientifica. » ²

Mas então d'onde provem a constante e insistente obstinação dos psicomonistas?

Ella não pode ter outra origem senão o desejo de conciliar o monismo decadente com a impossibilidade reconhecida de explicar mechanicamente o universo.

O derivativo psicomonista é um expediente infeliz para retardar por algum tempo, se isso é viavel, a queda de um idolo bem amado — o monismo.

Só assim se explica que elles se obstinem em procla-

¹ Mercier, l. c. pag. 358.

² Grassi, *La vita. Ciò che sembra ad un biologo* (1906), pag. 234.

mar o universo povoado de factores psychicos immanentes, causa unica da ordem e da harmonia da natureza.

A verdade, porém, é que a teoria psicomonista não é a unica capaz de explicar teleologicamente o mundo e, em todo o caso, fica muito áquem da verdade, se bem que já se approxime mais d'ella que o desacreditado mechanismo do seculo passado. Mas este será o thema, como atrás adverti, d'um artigo subsequente.

ANTONIO MARTINS JUNIOR,

Prof. no Seminario de Braga.

CRITICA E LETRAS

A Sebenta de um caloiro

(Anotações a certa passagem de um livro do Ex.^{mo} Snr. Dr. Marnoco e Souza, Professor na Universidade de Coimbra).

O Ex.^{mo} Snr. Doutor Marnoco e Souza, Lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, publicou em 1904 um livro que intitulou *Instituições do Direito Romano, Peninsular e Portuguez*, pelo qual têm estudado desde então todas as gerações de estudantes d'aquella Faculdade. N'elle, o Snr. Dr. Marnoco e Souza consagra um capitulo ao estudo historico da situação juridica da mulher.

Ora, quando aprecia a influencia *que muitas vezes sem criterio se attribue* ao Christianismo na sua reabilitação, o illustre professor affirma que *o Christianismo não se pode considerar como tendo sido muito favoravel á mulher*.

Esse estudo, porem, é de uma hyper-critica tão radi-

cal, para não dizer á moda de Brunetièrè *deboche de critica*, que até lá se destroe a . . . historia!

Transcreve-lo-hei, fielmente :

O Christianismo não pode considerar-se como tendo sido muito favoravel á mulher, porquanto :

1 — as tendencias asceticas d'esta religião não se harmonizam com a elevação do conceito social da mulher ;

2 — S. Paulo dizia que o homem não era da mulher, mas a mulher do homem e que o homem não foi creado para a mulher, mas sim a mulher para o homem. Os Padres da Igreja não consideram a mulher senão como um instrumento de peccado e de tentação. A mulher é a peste das pestes! Dardo do demonio ! Por intervenção d'ella, venceu o demonio a Adão e fez-lhe perder o paraizo. (S. João Crysostomo). Mulher, tu és a porta do demonio ! Foste tu que corrompeste aquelle que Satanaz não ousava atacar de frente ; foi por tua causa que Christo morreu (Tertulliano). A mulher é semelhante a um escorpião sempre prompta para morder (S. Boaventura).

3 — A superioridade moral do homem encontra-se consagrada pelos textos mais decisivos do direito canonico. Só o homem foi creado á imagem de Deus, devendo por isso a mulher ser a subordinada e quasi a serva e a escrava do homem (can. 13-17, caus. xxxiii, qu. 5).

Fiel a este principio, o direito canonico não attribue á mulher uma condição superior á que ella tinha na antiguidade. Prohibe-lhe todas as funcções que os antigos chamavam *viris*, como a de se obrigar por outrem, a de pleitear como procurador, a de ser arbitro e a de intentar uma accusação.

Ainda mais rigoroso que o direito romano, chegou até a prohibir á mulher testemunhar em juizo, considerando o seu testemunho indigno de fé.

4 — O Christianismo julgava o casamento um

estado inferior e collocava a maternidade abaixo da esterilidade. Cortemos a arvore esteril do matrimonio, diz S. Jeronymo, pois Deus permittiu no começo do mundo o casamento, mas Jesus e Maria consagraram a virgindade. A santidade perfeita do casamento não conta, a partir do iv seculo, por defensores senão alguns hereticos.

A doutrina geral dos Padres é que o casamento é uma consequencia do peccado original, de modo que sem esta falta, Deus teria provido á conservação da especie por outra forma.

Dos escriptos dos Padres tal doutrina passou para as leis da Igreja, prohibindo-se o casamento aos clerigos e reduzindo-se o uzo d'esta instituição para os leigos ao estrictamente necessario. Os canones toleraram, embora com grande desfavor, um segundo casamento, mas unicamente no caso de morte do primeiro esposo, prohibindo-o, porem, inteiramente no caso de repudio ou de divorcio. Os interpretes do direito canonico não se contentaram com as restricções legaes impostas ao casamento, e, partindo do principio que o casamento é um mal necessario, deduziram, por meio de subtilzas casuisticas, que não ha relações conjugaes licitas, desde o momento em que não tenham por fim a procreação.

A Igreja elevou o casamento á dignidade de um sacramento unicamente para corrigir o que elle tem de impuro e máo. O sacramento é admittido, segundo a expressão consagrada pelos theologos, como um *remedium*.¹

Taes são as razões que o Snr. Dr. Marnoco e Souza apresenta em abono da sua these radical. O distincto professor conimbricense não visa decerto á originalidade na sua obra, que é já vasta em numero de volumes publica-

¹ Dr. Marnoco e Souza, *Instituições*, A mulher e o Christianismo, pag. 198.

dos, e assaz feita de retalhos. Carlos Gide, no seu notavel estudo *De la condition de la femme*, diz pelas equivalentes palavras francezas precisamente o que em lingua portugueza diz o Snr. Dr. Marnoco e Souza.¹

¹ Dr. Marnoco e Souza, *Instituições*, loc. cit.

Os Padres da Igreja não consideram a mulher senão como um instrumento de peccado e tentação.

(*As sentenças de S. Paulo e SS. Padres encontram-se em Dr. Tamagnini, Psych. Femin. pag. 74*).

A superioridade moral do homem encontra-se consagrada pelos textos mais decisivos do direito canonico. Só o homem foi creado á imagem e semelhança de Deus, devendo por isso a mulher ser a subordinada e quasi a serva e a escrava do homem.

Fiel a este principio, o direito canonico não attribue á mulher uma condição superior á que ella tinha na antiguidade. Prohibe-lhe todas as funcções que os antigos chamavam *viris*, como a de se obrigar por outrem, a de pleitear como procurador, a de ser arbitro e a de intentar uma accusação. Ainda mais rigoroso que o direito romano, chegou até a prohibir á mulher testemunhar em juizo, considerando o seu testemunho indigno de fé.

O christianismo julgava o casamento um estado inferior e collocava a maternidade abaixo da esterilidade. Cortemos a arvore esteril do matrimonio, diz S. Jeronymo, pois Deus permittiu no começo do mundo o casamento, mas Jesus e Maria consagraram a virgindade. A santidade perfeita do

Gide — *De la Condition de la femme*, cap. *Le Christianisme*.

Dejà aux yeux de bien des Pères de l'Eglise, la femme n'est, de puis la premiere faute, qu'un instrument de tentation et ne occasion de chute.

Cette croyance en la superiorité morale de l'homme sur la femme est consacrée par les textes les plus décisifs du Droit Canon. L'homme seul a été créé á l'image de Dieu mais non la femme; en conséquence la femme doit être la subordinée et presque la servante et l'esclave de l'homme.

Fidèle á ce principe qui est celui de tous les codes de l'antiquité, le droit canonique, en tout ce qui regarde la condition des femmes, ne fait presque que copier le droit romain...

Comme le droit romain, le droit canonique exclut la femme de tous ces offices que les anciens appelaient *virils*, et qui sortent du cercle des affaires privées: il lui défend de s'obliger pour autrui, de plaider pour autrui, d'exercer un arbitrage, d'intenter une accusation; plus sévère que les lois romaines, il lui défend même de déposer en justice et tient son témoignage pour indigne de foi.

... O casamento, ainda que considerado como um sacramento, era tido como um estado inferior; a maternidade era posta abaixo da esterilidade... (Dr. Tamagnini, *Psych. Femin.* 74).

É porém, de estranhar que o illustre mestre, forrageando no Ex.^{mo} Snr. Dr. Tamagnini e no estrangeiro auctor os elementos da demonstração d'este interessante problema historico que ora nos occupa, sobre a influencia do Christianismo na reabilitação da mulher, (elementos a que nada pessoalmente accrescentou, visto que a propria redacção foi respeitada) tenha esquecido que o processo por aquelles escriptores elaborado tem mais folhas,

casamento não conta a partir do seculo IV, por defensores senão alguns hereticos.

A doutrina geral dos Padres é que o casamento é uma consequencia do peccado original, de modo que sem esta falta, Deus teria provido á conservacão da especie por outra forma.

Dos escriptos dos Padres tal doutrina passou para as leis da Igreja, prohibindo-se o casamento aos clérigos e reduzindo-se o uso d'esta instituição para os leigos ao estrictamente necessario. Os canones toleraram, embora com grande desfavor, segundo casamento, mas unicamente no caso de morte do primeiro esposo, prohibindo-o, porém, inteiramente no caso de repudio ou de divorcio. Os interpretes do direito canonico não se contentaram com as restricções legais impostas ao casamento, e partindo do principio que o casamento é um mal necessario, deduziram, por meio de subtilidades casuisticas, que não ha relações conjugaes licitas, desde o momento em que não tenham por fim a procreação.

A Igreja elevou o casamento á dignidade de um sacramento unicamente para corrigir o que elle tem de impuro e máo. O casamento

« Mettons la main à la cognée, s'écrie S. Jérôme, et coupons par ses racines l'arbre stérile du mariage. Dieu avait bien permis mariage au commencement du monde, mais Jésus-Christ et Marie ont consacré la virginité. » Dès le quatrième siècle, telle est la doctrine de l'Eglise universelle, et la sainteté parfaite de l'union conjugale ne compte plus pour défenseurs que quelques hérésiarques comme Jovinien et Vigilance. La doctrine générale des Pères, c'est que le mariage est un suite du péché originel, et que sans la première faute, Dieu aurait pourvu autrement à la conservation de l'espèce humaine...

Des écrits des Pères, cette doctrine passe bientôt dans les lois: l'Eglise défend le mariage à ses clers..., et ne pouvant l'interdire aux simples fidèles, elle s'applique à en restreindre l'usage et à le réduire, pour ainsi dire, au strict nécessaire...

Les canons ecclésiastiques tempèrent cette rigueur: ils tolèrent quoique avec une faveur marquée, une seconde union en cas de décès du premier époux; mais ils l'interdisent absolument en cas de réputation ou de divorce...

e que em virtude d'ellas a conclusão a que elles chegam é contraria á... sua! Mesmo que todas essas accusações fossem historicamente fundadas — e não são —, a dureza da Igreja se explicaria pelo Estado material e moral das multidões a que a Igreja tinha de dictar leis. Um legislador prudente não faz as leis que *quer*, faz as leis que

é admittido, segundo a expressão consagrada pelos theologos, como um *remedium*.

Plus tard, les interprètes du droit canonique feront un pas de plus dans cette voie dangeureuse : la loi avait imposé des restrictions au mariage; ils imposeront, dans le mariage même, des restrictions aux rapports des époux entre eux, et partant toujours de ce principe, que le mariage n'est qu'un mal nécessaire, ils en déduiront, avec cette logique subtile familière aux casuistes, la conséquence qu'il n'y a de rapports conjugaux licites que ceux qui ont pour but la procréation des enfants... Remarquez toutefois que si l'Eglise a fait du mariage un sacrement, ce n'est pas qu'elle l'ait considéré comme pur et saint en lui-même, c'est au contraire pour corriger ce qu'il a en lui même d'impur.

Le sacrement n'est ici, suivant l'expression des théologiens, qu'un *rèmedium*.

O Sr. Dr. Marnoco e Souza poderia acrescentar estas palavras que encontrou certamente em Gide, no mesmo capitulo:

Mais au moment même où l'on promulguait les lois Papiniennes et où la corruption parvenait à son comble dans la capitale de la civilisation antique, les habitants ignorants et grossiers des bourgades de la Galilée recevaient, de la bouche d'un jeune juif humble et pauvre comme eux, la doctrine qui devait renouveler le monde...

En un mot, c'est une révolution radicale dans la constitution de la famille que la loi de l'Evangile vient accomplir : elle brise le despotisme domestique, et recompose l'unité de la famille en liant tous ses membres par des devoirs mutuels; elle relève et ennoblit le mariage en le rattachant à une celeste origine, elle en fait une union si intime et si sainte que Dieu seul peut la rompre; enfin, tout en assignant à l'homme

pode — embora as suas ideias vão além das leis que faz. É, pelo menos, o que o proprio Gide expressamente pensa. ²

et à la femme des devoirs séparés, elle proclame le principe de l'égalité entre les deux sexes ; S. Paul. Ad Gal. III, 28. Désormais l'humanité sait quel est le but vers lequel doivent tendre ses efforts, et tous les progrès des institutions humaines ne consisteront plus qu' à se rapprocher sans cesse du type idéal révélé par le Christ... C'est cette réalisation progressive que nous devons étudier maintenant ; du moins dans sa première période. Les vérités de l'Evangile ne restèrent pas un seul instant à l'état d'oisives théories ; ce n'était point une théorie nouvelle, mais une vie nouvelle que Jésus Christ était venu répandre dans le monde, et, à sa voix créatrice, l'on vit surgir aussitôt, du sein d'une société vieillie et expirante une société régénérée, pleine de vie et de jeunesse. Cette société nouvelle répudia d'abord avec horreur tout ce qui tenait au paganisme : elle se fit des mœurs, des institutions, des coutumes, on pourrait presque dire une législation particulière... C'est ainsi que se forma, secrètement et à l'ombre de la législation romaine une sorte de droit à part à l'usage des premières communautés chrétiennes, droit peu connu et que l'histoire a trop rarement mis en lumière. Ce n'est pas, en effet, dans les canons de l'Eglise victorieuse et toute puissante qu'on peut retrouver les monuments de ce droit primitif : pour les découvrir, il faut pénétrer jusque dans les ténèbres des catacombes et rechercher, dans les inscriptions qui couvrent les tombes des martyrs, les rites, les coutumes de l'Eglise persécutée...

Ou ainda estas do Snr. Dr. Tamagnini, já que a elle foi buscar aquellas inoffensivas phrases dos Santos Padres que dormem, na rica bibliotheca da Universidade, um somno por quasi ninguem perturbado — sobretudo por aquellas que mais os calumniam :

«E' inegavel que o christianismo contribuiu, pelo menos indirectamente, para levantar a condição social da mulher e para a suavisar»...

² En fait d'institutions temporelles, il est évident que celles de quelques petites communautés de saints et de martyrs, ne pouvaient devenir celles de populations immenses encore tout embues des erreurs païennes. En prenant en main les intérêts civils et temporels de ces populations et en leur dictant des lois, l'Eglise crut devoir accommoder ces lois à leurs besoins et à leurs faiblesses : tout ce que peut faire le meilleur législateur, n'est — ce pas de donner à ses peuples les lois les moins mauvaises qu'ils soient en état de supporter ?...

Ainsi on ne saurait le méconnaître, la loi ecclésiastique elle même n'a pu é chapper entièrement, dans les prescriptions civiles, à l'influence persistante des traditions païennes. Mais, quelles qu'aient été ses tâches, gardons-nous d'oublier ses mérites et ses bienfaits. Si, comme les lois païennes, elle a trop souvent fait de la procréation des enfants l'unique fin de l'union conjugale, elle a, d'un autre côté, relevé l'hon-

Mas o Snr. Dr. Marnoco julgou em processo summario: copiou, apezar das leis reguladoras da propriedade litteraria, tudo o que n'aquelles auctores *parecia* desfavoravel á acção do Christianismo, e supprimiu *imparcialmente* o muito mais que lhe era favoravel. Ahi está o que os Padres das Egrejas não fariam...

neur du mariage en l'érigeant en sacrement et en le déclarant indissoluble. Si, comme les lois paternes, elle a frappé les femmes de nombreuses incapacités civiles, elle a néanmoins favorisé leur émancipation, en luttant en leur faveur contre une féodalité oppressive qui sanctionnait partout le droit du plus fort. Quand pour punir sur un monarque la violation de la foi conjugale, le Saint Siège lançait ses foudres et soulevait les peuples, il consacrait un principe plus élevé encore que celui de l'indissolubilité du mariage: il proclamait, à la face d'une société livrée à toutes les violences de la force brutale, l'égalité du droit du plus fort et du plus faible, de l'homme et de la femme... Gide, loc. cit.

O Ex.^{mo} Sr. Doutor Marnoco e Souza surprehende entre a doutrina christã e a restituição da mulher um antagonismo irreductivel.

O Christianismo não contribuiu para a dignificação da mulher, eis o facto historico; mas descendo á analyse profunda das latentes affinidades das ideias e dos factos sociaes, — o que só nos habilita a comprehender a dynamica d'estes — reconhece-se que elle a não *podia* produzir. Não só o Christianismo não fomentou a rehabilitação feminina, mas era-lhe essencialmente hostil — por repugnancia de principios. Ha entre os dois verdadeira antithese: a lei do seu desenvolvimento deve formular-se n'uma proporção inversa. A redempção historica da mulher só se pode effectuar apesar das ideias christãs — *sem* ou *contra* ellas. — A pedra de escandalo é o ascetismo christão. *As tendencias asceticas d'esta religião não se harmonizam com a elevação do conceito social da mulher.*

Esqueceu-se o Sr. Doutor Marnoco e Souza de nos precisar o sentido da palavra ascetismo. Ha palavras que mettem medo a certa classe de homens... E é principio respeitavel de antigos que cumpre bem definir sempre os termos. — No Diccionario portuguez do meu uso define-se ascetico assim: *mystico, espirital, contemplativo*. Tendencias asceticas são pois as que inspiraram aquelle lindo verso de Laprade:

Plus haut dans vos amours; montez, montez encore
Sur cette échelle d'or qui va se perdre en Dieu;

são-no as que fazem brilhar o espirito, livre e triumphal, sobre a carne subjugada, o que parece accorde com a sa-

bedoria humana que pensa caber ao cavalleiro o direito de montar a *bête* e não vice-versa, ideias que já vem, pelo menos, dos velhos tempos da *ensinança de bem cavalgar toda a sella*; são-no ainda mais vulgarmente as que denotam certa rudeza a respeito do corpo, rudeza que é excesso de sollicitude pela alma.

Mas foi este ascetismo que rehabilitou a mulher.

Visto que não temos competencia para dar lições a um mestre tão distincto, invocamos o testemunho do laureado Academico Estevão Lamy, Secretario Perpetuo da Academia Franceza, o qual no seu bello livro *La Femme de Demain*, escripto elegantemente com rica penna de oiro (coisa tão rara!) estuda e abençoa em prol da mulher as tendencias asceticas do Christianismo:

— «Le grand dieu du paganisme était le plaisir. La société païenne, en faisant servir à la volupté les conquêtes, l'esclavage, les richesses, jusqu'au génie des arts et aux chants des poètes, avait soumis l'esprit même à la domination de la chair. Le Christianisme était la soumission de la chair à l'esprit. C'est aux sacrifices imposés à cette chair qu'il reconnaît les siens. A ceux qui aspirent à la perfection, il impose la virginité ou la continence; à ceux qui veulent vivre de la vie ordinaire et perpétuer l'espèce, il impose la loi d'un mariage que unit un seul à une seule et pour toujours.

Ce joug de chasteté, principal obstacle au triomphe du christianisme, ne pesait d'un poids égal sur l'homme et sur la femme. Si cette vertu assurait à l'homme les récompenses de la vie future, elle effaçait, sans compensation immédiate, de la vie qu'il avait organisée à son gré, la liberté des plaisirs. La rupture avec les plaisirs apportait, au contraire, à la femme une compensation dès ce monde.

Comme le plaisir ne songe qu'à soi, pour le païen s'occuper de la femme n'était que la perfection de l'égoïsme. Jamais il n'avait songé à se demander si les joies qu'il voulait d'elle, la rendaient elle même plus heureuse, meilleure, ou plutôt il la sacrifiait et sans scrupules. Aux yeux sensuels de l'homme, le corps seulement de la femme

importe. C'est pourquoi il la désire sans l'estimer et la possède sans gratitude. Aimer seulement en elle la beauté c'est aimer la beauté de toutes celles qui semblent belles, c'est compter pour rien celles qui n'ont jamais été belles ou qui ont cessé de l'être. La femme, jusque dans les égards apparents, les douceurs passagères de l'homme épris, reconnaissait leur brutalité, et le méprisait de ne désirer, de n'aimer d'elle que le corps, de dédaigner, d'étouffer, pour être plus maître de ce corps, ce qu'elle sentait le meilleur d'elle-même, la volonté, l'intelligence, la bonté, le véritable amour. Jusque dans ses courts triomphes, elle se méprisait elle-même, sentant qu'elle les devait aux dons les plus fragiles, les plus vains, se demandant avec angoisse si ces dons n'étaient pas tout d'elle, puisqu'ils semblaient compter seuls. Elle méprisait enfin l'univers entier de n'être qu'un temple consacré à la Vénus impudique.

Pratiquer les vertus dont l'Evangile lui faisait une loi était imposer à l'homme du respect, s'assurer une place au foyer domestique et une influence dans la société tout entière. En échange de la licence, la religion nouvelle offre, dès ce monde, à la femme l'honneur.

Ceux qui sollicitent la femme de se soumettre à ce joug n'attendent d'elle rien de ce que les autres hommes lui demandent, et les moeurs qu'ils lui enseignent la rendront incapable des faiblesses qui font l'espoir des autres hommes. Ce n'est pas pour leur honneur qu'ils s'occupent d'elle, c'est pour le sien. Ils apportent à la femme la plus inattendue des surprises, la surprise d'une sollicitude désintéressée. Dès lors la rudesse qu'ils prodiguent à sa beauté, à sa grâce, lui devient douce. Ils lui donnent enfin la preuve que les dons extérieurs et passagers ne sont pas le meilleur d'elle-même. C'est l'importance de son âme qu'ils lui attestent, c'est la dignité de ce qu'on méprisait. C'est son courage, c'est sa bonté, c'est son dévouement qu'ils éveillent en lui faisant appel. Dans les disgrâces de l'âge, dans l'éclipse de la beauté, dans l'obscurité du rang, elle se sent en possession de biens qui étendent, transforment, élèvent sa vie, la font collaboratrice d'un

ordre meilleur en ce monde, et la rendent digne d'une immortelle récompense. Quoi d'étonnant si elle préfère ceux qui veulent la servir à ceux qui veulent se servir d'elle, et se sent attirée vers une religion que lui montre enfin la femme estimée et lui rend enfin l'homme estimable ?»

A transcrição foi longa, mas ninguém saberia dizer tão lapidarmente verdades tão profundas. Este trecho é uma obra prima de classica elegancia e de genial comprehensão do intimo dynamismo da reabilitação da mulher. Esta é essencialmente uma obra *moral*. — A alma antiga despresava a mulher. A inferioridade d'esta não era apenas uma ideia consagrada nas legislações de todos os povos antigos, mas um sentimento normal, profundamente radicado nas ideias e nos costumes. Hesiodo resumiu n'uma phrase immortal o sentir da antiguidade, quando definiu a mulher um *bello mal*. E ella, a infeliz!, resignada á sua sorte, insciente do tesoiro que trazia n'ella, não comprehenderia sequer a linguagem de Molière

Que le coeur d'une femme est mal connu de vous
Et que vous savez peu ce qu'il veut faire entendre
Lorsque si faiblement on le voit se défendre !...;

linguagem que suppõe uma aspiração de infinito, uma intuição de mais alto ideal que o terreno — numa palavra, a revelação christã da sua alma. Para que se não commetta um grosseiro erro de psychologia, impõe-se estudar nos antigos a alma antiga — antes que o Christianismo depuzesse na alma humana a sêde insaciavel da immortalidade que as mulheres do nosso povo sentem instinctivamente:

Tu chamas-me tua vida,
Tua alma quero eu ser,
Que a vida morre com o corpo
E a alma eterna ha de ser.

Esta linguagem seria incomprehensivel para a mulher

prechristã. A voz d'ella, ouvir-se-ha talvez na *Lysistrata* de Aristophanes ¹:

MYRRHINA

Para que volte a paz como um divino agouro
E fujam para sempre as armas e os receios,
Eu vendo, ó deuses, a cintura d'ouro
Que me aperta os seios.

CALONICE

Dá-me o mais alto monte, a rocha mais vivaz;
Subo-a, correndo, para vêr a paz.

LYSISTRATA

Só depende de ti que a guerra acabe;
Myrrhina, tens a paz quando quizeres:
A paz dos homens — toda a gente sabe —
Depende das mulheres.

MYRRHINA

Mas que faremos nós para espalhar na terra
Esse socego pacificador?

LYSISTRATA

Manda-los escolher entre o amor e a guerra:
Ou suspendem a guerra, — ou negamos-lhe o amor!

CALONICE e MYRRHINA

Não! Não!

¹ Este trecho é traducção livre do snr. Julio Dantas.

LYSISTRATA

Que razão ha p'ra que assim te rebelles?
Tu, Calonice, — e tu? Nunca dormiram sós?

CALONICE

Tu bem vêes que, em amor, se os privarmos a elles,
Privamo-nos a nós...

Eis ahí o ideal da mulher antiga — confia no seu corpo, *Nunca dormiram sós?* E o homem, vendo-a instrumento de prazeres e vícios sem nunca lhe descobrir o ser de razão e de vontade, — ora sendo a obediencia passiva, desencantadora, se no gyneceu, ora o brilho esteril de um espirito adornado como um corpo, mas sem a virtude, quando cortezã — concluiu pela inferioridade da natureza feminina. Na lucta com o homem, a mulher soffreu a sorte dos seres mais fracos em sociedades em que a força domina — foi ella a escrava. A esphera da sua acção variou mais ou menos conforme as civilizações e o meio social. No fundo, porém, de todas as civilizações antigas, estava como pedra basilar o desprezo da mulher. N'aquellas mesmo em que as leis consagravam uma certa egualdade entre os sexos, como em Sparta, a mulher reconquistava a sua liberdade a preço do seu pudor, sacrificando no altar da patria, á qual era preciso dar soldados robustos, aquelles dons que são a principal força do seu encanto e todo o encanto do seu sexo, — desfeminizando-se. A mulher era ainda ignorada. Para a reabilitar, era indispensavel *revela-la*. A degredação feminina, fundamente radicada na consciencia antiga, era um factó moral mais que um factó legal, proveniente da concepção pagã da vida, cuja lei suprema era o prazer. Fazer do prazer o fim da vida, é consagrar o egoismo. Para o egoismo masculino, a mulher é apenas um instrumento

do seu aperfeiçoamento¹. A reabilitação da mulher seria impossível sem uma previa revolução moral — das ideias e dos costumes. Era mister mudar o eixo ao mundo. Cabe ao Christianismo a honra de o ter feito.

Os antigos consideravam na mulher o corpo tão sómente, ou antes, a *femea*; e, como os homens eram os mais fortes, subjugaram a mulher que era mais fraca, pedindo-lhe o prazer que ella dava á custa da sua infamia, ou filhos que ella gerava sem amor. Ou era esposa sem espirito ou era espirito sem virtude. O desprezo era natural. O Christianismo, com seu rigor ascetico, restituiu-lhe a dignidade perdida: fez d'ella um ser purissimo, elevada como uma visão de luz acima das paixões, incontaminada e santa — lyrio branco, immaculado, florindo tranquillamente n'um mundo ideal onde as paixões inflammadas se transformam em adoração; e revelou-lhe o novo-mundo da sua alma rica e immortal, e levou-a por elles ás novas descobertas das virtudes mais heroicas, dos sacrificios mais puros, das idealidades mais transcendentas, a cujo acume não chega muitas vezes o ardor santo do homem. Por aquelle ideal de virgindade, impoz silencio ás paixões do homem — fê-lo ajoelhar, rendido de respeito, adorando na mulher aquillo que elle nunca n'ella descobrira até então, a alma; tirada a esperança de a submeter aos seus prazeres, o homem poude então (porque já a não via a-travez do seu egoismo) comprehender o que havia de nobre e de puro e de bom n'ella e amou-a por ella mesma. — Pelo exemplo das novas virtudes femininas, o Christianismo ganhou para a mulher a admiração enthusiastica do homem.

‡ Como podia o homem desprezar no fundo da sua alma a mulher, que elle via egual e superior a elle, dando ao mundo o exemplo da virtude mais sublime, morrendo ao

¹ L'emancipation de la femme rencontrait un obstacle plus puissant encore dans les tendances matérialistes du paganisme. Carlos Gide, *La Femme*, 170.

seu lado no amphitheatro, intrepida perante a morte, activa perante a brutalidade das suas paixões, como elle chamada — e tantas vezes mais prompta! — á virtude e ao martyrio e ao heroismo?

Celebrar-lhe o corpo, era lisongear o egoismo masculino, que tinha interesse em corromper-lhe a alma. Era preciso faze-lo esquecer aos homens para que a alma feminina pudesse abrir em virtudes, como uma flor que se abre em perfume...

A antiguidade procurou n'ella o encantamento dos sentidos e o interesse da cidade. Adorou a belleza ou a robustez das mulheres. Não amou a mulher. Adorar a belleza d'ellas é não amar nenhuma ou amar todas que são bellas, em todo o caso, amar-se n'ellas. Querer a sua robustez, ou mesmo as suas austeras virtudes, era para o pagão amar a cidade que precisava de cidadãos bellos e robustos. Instrumento de prazer ou da cidade, a mulher não era amada por ella mesma, mas atravez do egoismo do homem. — Para a resgatar, era preciso tirar ao homem a esperanza de a submeter ás suas paixões para a elle poder contemplar na formosa irradiação da sua alma. O homem sentira demais a capitosa fascinação do seu corpo — vaso de argila que se lhe quebrava nas mãos, sem que elle antes nunca pudesse suspeitar que alli dentro havia um mundo. Para o subtrahir melhor á graciosa tentação, o ascetismo christão occultou aos seus olhos sensuaes o esplendor da carne — e d'aquelle vaso de argila floriu, n'uma atmospherá de oiro e luz, a assucena deslumbrante da alma feminina. E a carne espiritualisou-se milagrosamente, que, se existia, era apenas o crystal transparente e puro dentro do qual ardia, serena e celeste, uma luz immortal... O ascetismo christão era sollicitude desinteressada pela mulher. Nada esperava do que os homens lhe pediam... A belleza feminina deslumbra e deseja-se: só a virtude e a bondade — a alma — se admira e respeita. O rigor com o corpo era sollicito amor pela alma, afinal.

Mercê d'esse rigor, o homem, que não podia esperar da virtude senão a... virtude, viu então a mulher — os seus dons mais bellos e imperecedoiros que a encareciam

aos seus olhos e aos dos outros — e deixou-se ganhar de respeito. No dia em que o homem respeitou a mulher, ella estava moralmente redimida. Era o essencial. A emancipação social e legal era funcção do tempo, e seria condicionada pelo meio social e pelas suas virtudes... A semente fôra lançada á consciencia, que é o terreno onde se preparam todas as grandes revoluções...

Sempre e em toda a parte, ha alguns millenios, no Oriente como na Grecia e em Roma, na Antiguidade ou na Renascença ou na Grande Revolução, na infancia e na decrepitude dos povos ou das civilizações, a degradação maxima da mulher corresponde á maxima apothese do seu corpo. A idade mais sã dos povos é a da infancia.¹ Mas toda a antiguidade desconhece a dignidade da mulher. Na Grecia, brilharam tentadoras flores de carne, as *heaitiras*: eram tristes fazedoras de peccado. Borboletas do prazer queimaram as asas de oiro no fogo das paixões. Flores sensuaes cujo alliciente aroma os grandes homens aspiraram — e que lhes murcharam na mão... Roma começou pelo casamento estavel onde a mulher encontrava alguma consideração. O culto da nação é que lhe inspirava a rigida disciplina dos costumes. Mas um dia Roma corrompeu-se, e o homem immolou a Venus, confessando-lhe sem vergonha a insolencia do seu desejo — n'um tempo em que as mulheres « não contavam já os annos pelo numero dos consules, mas pelo numero dos maridos ». A Edade Media foi rude com os ephemeros encantos da mulher: louvou-a pelas suas virtudes, não lhe disse que ella era bella.

Mas a mulher foi então adorada, de olhos postos, e coração rendido, religiosamente... A Renascença amou desordenadamente a belleza plastica e celebrou no corpo

¹ «...Tous les documents qui nous restent sur les âges primitifs nous montrent la femme plus respectée, plus honorée, au sein d'institutions et de mœurs encore grossières et barbares, qu'elle ne l'a été plus tard sous les législations raffinées et savantes des siècles d'Auguste et de Périclès», C. Gides, *La Femme*, pag. 169 Item Letourneau, *La Condition de la Femme*.

da mulher a syntese de todas as perfeições. E a mulher, ao inclinar-se a receber sorrindo a surpresa do elogio da sua belleza, não reparara que lhe tombava no chão a corôa da sua dignidade, e que os elogios eram uma supplica de peccado. Ou ella não fôsse mulher, ouviu-se louvada — escutou. Quiz conservar a dignidade a que o Evangelho a tinha elevado, sem renunciar aos interessados louvores do homem. E tentou ainda impor silencio ás paixões bravias :

Do amor que ás mentes falla e prende os corações,
sempre eu fui partidaria ; admitto adorações,
puras, angelicaes, sem sombra de baixaza ;
deixo aos irracionais a bruta natureza...

Não se conformou o homem com aquelle platonismo,
e prosaicamente foi insinuando :

Respeito o seu ideal, senhora ; acho-o sublime,
sem bem o compreender ; no entanto não é crime
o ter eu como tem o resto do universo
em pontos de consorcio um credo mui diverso.
Já vê...

E a mulher que não soube negar-se toda, teve de entregar-se toda.

Pois bem. Então sou eu quem cede ;
e se a minha mamã licença me concede,
resigno-me a casar como essa gente em prosa...

A Laura das *Sabichonas* resignava-se ainda tão sómente a *casar como essa gente em prosa*. Mas as mulheres da Renascença, decaídas da côrte de respeito, a que as tinham elevado os seus meritos, tiveram que conformar-se com o papel de cortezãs, *em prosa* e... em verso. A Renascença resuscitou o ideal antigo do prazer : d'essas cinzas perfumadas renasceu logo a mulher antiga.

E aos pés d'ella, colleante e tentador, arrastou-se insolente o desejo sensual do homem.

O ascetismo christão e a dignidade da mulher eram, pois, solidarios. Fôra elle que libertara a mulher do egoismo do homem, e lhe garantira a indispensavel condição para ella poder affirmar todo o valor dos seus meritos.

(Continua).

GONÇALVES CEREJEIRA,

do Instituto de Coimbra

Os seminarios, os fieis e o Estado ¹

III

Resumo: — *A Igreja pertence o direito de formar e escolher os seus ministros; Leão XIII e Pio X. Interesse dos fieis n'este assumpto e como são chamados. Palavras do Pontifical e de D. Americo; a protecção material e moral dos fieis para com o seminario. Os seminarios devem merecer o respeito e a estima dos homens publicos.*

« O recrutamento sacerdotal tem sido e ha-de ser sempre um assumpto de importancia capital. E este assumpto é justificado por considerações de ordem particular e publica que o impõem á consciencia dos fieis e á attenção de todo o homem que deseje os progressos morais da humanidade ».

Estas palavras de um dos mais illustres membros do episcopado francez e distincto cardeal da Santa Igreja são dignas de ser transcriptas no principio das breves consi-

¹ Continuado da pag. 231.

derações que vamos expôr n'este artigo. Essas palavras resumem quanto vamos expôr aos leitores d'esta revista para que, na medida das suas forças, auxiliem os seminários e a Igreja na revindicação do direito de formar os seus ministros. Eia, pois.

A Igreja é uma instituição divina; fórma uma sociedade completa, independente, de modo que tem em si tudo aquillo de que precisa para conseguir o seu fim e não pôde nem deve estar dependente de qualquer outra sociedade e muito menos do poder civil. N'estas condições, a Igreja recebeu do seu divino fundador o direito de formar e escolher os seus ministros, sempre tem exercido esse direito e não pôde prescindir d'elle. Vimos, como antes e depois do concilio Tridentino, a Igreja tem exercido esse direito com aquelle cuidado e solicitude que são proprios de quem reconhece a gravidade e importancia que deve haver na formação do clero. Mais proximo de nós e ainda em nossos dias temos documentos numerosos attestando o zelo ardente de Leão XIII e Pio X no recrutamento sacerdotal.

Aquelle ¹, dirigindo-se aos bispos da Hungria sobre a educação da juventude que, em elevado grau, tanto interessa á salvação publica, diz-lhes que é maior esse interesse quando se trata d'aquelles que querem entrar nas ordens sacras e prosegue: «É a isto que vos deveis dedicar especialmente, veneraveis irmãos; é para isto que devem convergir, em grande parte, vossas vigílias e vossos trabalhos; os jovens clerigos são a esperança e a fórma nascente do sacerdocio. Ora, vós sabeis perfeitamente quanto a honra da Igreja e a salvação eterna dos povos devem fundar-se sobre o clero.»

¹ 22 de agosto de 1886 e 2 de set. 1893; 14 set. 1886, aos bispos de Portugal; 22 de dez. de 1887 aos da Baviera; 3 de março de 1891 aos da Austria; 24 de junho de 1903 sobre o seminario das Indias; 25 de abril de 1893 aos de Espanha; 19 de março de 1894 aos da Polonia; 2 de julho de 1894 e 18 de set. de 1899 aos do Brazil; 8 de set. 1898 aos bispos e clero da França; 8 de dez. 1902 aos da Italia...

Na mesma ordem de ideias se espande o zelo ardente de Pio X ¹, escrevendo aos Snrs. Bispos Portuguezes: «Fazei d'elles (referindo-se aos seminarios) o objecto de todos os vossos cuidados, o principal campo da vossa actividade e ficae certos de que, realisada com zelo esta santa empreza, tereis com ella satisfeito em grande parte aos outros deveres que vos incumbem.»

*

Demais, o sacerdote ha-de ser sempre o companheiro inseparavel do homem desde a sua entrada no mundo até ao momento de soltar o ultimo suspiro: recebe-o nas aguas do baptismo, acompanha-o e santifica-lhe os principaes actos da vida e ha-de cerrar-lhe os olhos, acompanhando-o ainda ao campo dos mortos.

O sacerdote, ainda que isto custe a muitos, ha-de ser o maior defensor dos opprimidos e o pregoeiro de uma doutrina de paz e de reconciliação entre o rico e o pobre, entre o capital e o trabalho.

De justiça é, pois, que os fieis se interessem, vivamente e efficazmente, pelo seminario e pela boa formação d'aquelles que mais tarde serão os seus pastores. E a Igreja quer isto mesmo. De facto, desde as pedras do edificio onde o candidato ao sacerdocio faz a sua aprendizagem e completa o circulo da sua educação em comunidade até ao dia em que recebe o Presbyterado, a Igreja chama sempre os fieis a juntar o seu auxilio material e a dar testemunho das qualidades do ordinando. As esmolas dos fieis são, realmente, o mais poderoso auxilio para o regular funcionamento dos seminarios e ellas augmentarão á medida que na sociedade se fôr conhecendo a ruína e o desespero de uma educação sem Deus. Quando crepitarem as ruinas de uma educação e governo sem Deus, então, á semelhança dos discipulos de Jesus, a braços com

¹ 5 de maio de 1905.

a tempestade, os povos exclamarão para a Igreja: *Salvamos, que perecemos.*

Os mesmos fieis, pelos mandados de publicandis nas vespervas das ordenações, são convidados a depôr sobre as qualidades dos ordinandos. E porque assim?

É porque, n'este assumpto, *o interesse da Igreja e dos fieis é commum.* Vejamos.

No acto da ordenação o bispo compara a Igreja a um navio ¹. O céu é o porto de salvação; o mundo é semelhante ao mar proceloso e cavado de abismos e a Igreja é a barca de Pedro. No navio ha passageiros e um piloto ou capitão; aquelles representam os fieis e este é o representante de Jesus Christo com officiais da sua armada, que são os bispos, e com os marinheiros encarregados das manobras, que são os presbyteros.

Ora os passageiros, bem como o capitão com os seus officiaes e marinheiros — todos estão sujeitos aos mesmos perigos e correm o mesmo risco; todos vão separados das aguas e dos abysmos do mar pelas mesmas tabuas do navio. N'estas condições, são todos igualmente interessados na escolha de bons marinheiros para o navio ter derrota segura e chegar ao porto de salvação. Assim na Igreja todos estão interessados na escolha de padres illustrados, virtuosos e zelosos no cumprimento dos seus deveres.

Justificado era o interesse que os fieis tinham pelo seminario e que se encontra bem expresso nas seguintes palavras do fallecido cardeal Snr. D. Americo: «*Acceitae, seminaristas premiados, os parabens que n'este dia vos dão não só os vossos superiores, mas todas as outras pessoas que vieram hoje presenciar a vossa satisfação. Todos se interessam de coração por esta casa e fazem votos para que vós, progredindo no caminho encetado,*

¹ Diz o Pontifical: *Quoniam, fratres carissimi, rectori navis et navigio deferendis eadem est vel securitatis ratio, vel communis timoris; par eorum debet esse sententia, quorum causa communis existit. Neque anim fuit frustra a patribus institutum ut de electione illorum, qui ad regimen altaris adhibendi sunt, consulatur etiam populus.*

um dia realizeis as esperanças e promessas que em vós já temos e de anno para anno nos ides dando cada vez mais... A nenhuma das pessoas presentes, que, movidas pelos seus sentimentos religiosos e pela sua illustração, vem testemunhar quanto se interessam por este estabelecimento, assistindo á sua abertura solemne, a nenhuma, digo, careço de desenvolver nem as vantagens de uma educação uniforme, nem os inconvenientes de duas classes de alumnos uns internos, outros externos...

Se ter bons pastores foi sempre a mais imperiosa necessidade de um bispo, nunca deixou de ser mais vivo desejo dos fieis; e se o primeiro precisa e pede respeito e amor á religião, os fieis respondem e acrescentam — pela exemplar virtude e carinhoso affecto dos seus ministros¹. »

Mas esse interesse dos fieis pelo seminario ha-de augmentar na hora presente ou n'um futuro mais ou menos proximo. As familias christãs continuarão, com certeza, a enviar alumnos para os seminarios, apresentando aquelles que maiores signaes derem de vocação sacerdotal e não os contrariando na escolha de estado.

Nas catecheses e nas escolas continuarão a apparecer creanças revelando as melhores qualidades de intelligencia e de coração e optimas disposições para o ministerio dos altares. Os que assim apparecem devem ser convenientemente guiados e amparados e entregues á protecção moral ou material de quem póde dispensar uma ou outra ou simultaneamente as duas.

Auxiliar esses jovens, acompanhal-os até ao altar ou só recommendal-os á auctoridade ecclesiastica — é uma obra digna das benções dos homens e de Deus.

Podem ainda os fieis auxiliar a ordenação de muitos com os seus beneficios e esmolas directamente ao semi-

¹ Allocuções na abertura solemne do Seminario.

nario, quer esses beneficios sejam legados e doações feitos sempre de harmonia com a auctoridade ecclesiastica ou pessoa que possa guiar convenientemente os doadores, quer sejam quantias entregues particularmente e até generos offercidos.

*

Mas para aquelles que não pôdem dispôr d'estes meios de protecção ha outros que estão ao alcance de todos e são a *oração* e a *propaganda*.

O proprio Jesus Christo, dando volta por todas as cidades e aldeias, ensinando nas synagogas, prégando o evangelho e curando todas as doenças e enfermidades, impõe a oração como meio de conseguir obreiros. Compadecendo-se d'aquelles que estavam fatigados e quebrantados como ovelhas que não tem pastor, disse a seus discipulos: *a seara verdadeiramente é grande, mas os obreiros são poucos. Rogae, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros*¹.

Quando os apóstolos se reuniram para a escolha do successor de judas propuzeram dois, e oram n'estes termos: *Vós, Senhor, que conheceis os corações de todos, mostrae-nos um d'estes dois, a quem tiverdes escolhido*².

Todos os fieis pôdem, pois, recorrer a este meio, pedindo a Deus pelos seminarios, porquem n'elles trabalha e pelos alumnos, pelas vocações sacerdotais, pelos bemfeitores e emfim por todas as necessidades espirituais e temporais.

*

Outro meio ao alcance de muitos fieis é a *propaganda* que terá por fim espalhar por toda a parte as verdades salutaes do evangelho, despertar sentimentos nobres

¹ S. Mat. ix, 35-38.

² Actos, i, 24.

capazes de desenvolver vocações e combater falsas ideias sobre a missão sacerdotal.

Esta propaganda deve fazer-se junto das creanças e dos jovens, bem como nas familias onde se reconhecer possibilidade de aspirantes ao sacerdocio. Mas o seu campo de acção não deve ficar por aqui e é justo que se estenda aos mestres, aos pastores e ao espirito publico. O lugar para a propaganda e o modo de a fazer serão indicados pelas differentes circumstancias.

Umaz vezes será durante o ensino do catecismo que o catequista, por meio de instrucções piedosas e exemplos edificantes, pôde espalhar fecunda semente de vocações sacerdotais; outras, será no confessionario o momento mais oportuno para fallar da sublimidade do sacerdocio, dos seus meritos e recompensas. A prégação publica será um meio fecundo de propaganda e bom é que d'elle se utilise o clero. Exercicios espirituais, conferencias, discursos, escriptos, e sobretudo a imprensa diaria—eis outros tantos auxiliares no desenvolvimento e aproveitamento das vocações, conservação, auxilio e aperfeiçoamento da obra dos seminarios.

Por fim quando houver nas dioceses *obras de vocações ecclesiasticas* ou *dos seminarios*, estas, directamente ou por intermedio de outras pessoas, indicarão aquillo que mais convém em materia de tanta importancia.

Estas ligeiras considerações, que ahí ficam, não têm merecimento algum, nem são apresentadas como plano de organização e protecção aos seminario, mas representam apenas algumas ideias, que ficam expostas á discussão e á critica dos competentes e nada mais. Quando muito, podem servir de base para muitas theses de subido valor.

Para concluir vejamos se os seminarios tambem merecerão o respeito e a estima dos homens publicos que desejem o progresso moral da humanidade.

As doenças de que enfermam as sociedades actuais são muitas e intensas. Os remedios de que os dirigentes lançam mão são inefficazes ; elles não quizeram que Deus guardasse a casa e por isso foi baldado todo o seu trabalho. *Se o Senhor não guardar a cidade inutilmente se desvela o que a guarda*, dizem os livros Sagrados.

Onde estará, pois, o remedio mais eficaz?

Di-lo Leão XIII na sua encyclica sobre a Constituição christã dos Estados.

«E' admiravel quanto os ministros da Igreja pòdem, pela sua acção, bem merecer da sociedade humana, como é sabido que isto mesmo succedeu em meio das perturbações e das calamidades de outro tempo. Os padres, com effeito, que, por dever do seu ministerio, estão em relações quotidianas com os homens das classes inferiores e costumam conversar com elles d'um modo intimo e familiar conhecem as privações e as dôres d'esta classe de homens ; elles veem de mais perto os seus corações irritados ; e, tirando os ensinamentos oportunos da fonte da religião divina, são os mais aptos para fornecer a essas almas abatidas as consolações e os remedios que melhor tempéram as aflições dos males presentes, reanimam as forças abatidas e desviam os espiritos das tentações de revolta.»

Oxalá que os homens publicos meditassem bem esta e outras passagens do citado documento e que se inspirassem nos mesmos sentimentos que animaram os vencedores de 1833 e muitos dos que se lhes seguiram, como vimos no artigo anterior.¹ Bem perto da queda da monarchia esta doutrina não agradou a muitos politicos e criterio bem diferente começou a reinar nos altos poderes. Começaram a não querer apreciar devidamente os serviços do clero e, com raras excepções, os ultimos ministros da Coroa esqueceram as lições da historia sobre a influencia do Evangelho na moderna civilização; não quizeram apreciar, devidamente, os beneficios que o Sacerdocio catholico produz para a reforma do individuo, da familia e da so-

¹ Portaria de Barjona de Freitas, pag. 278.

cidade, nem reconhecer no sacerdote illustrado e virtuoso o maior agente da segurança individual e social.

E o regimen proclamado em 5 de outubro de 1910 veio coroar os trabalhos e esforços de alguns homens dos ultimos annos da monarchia. Oxalá que uns e outros reconheçam os seus erros e procurem emendar o passado com um futuro de justiça para a Igreja, para os seus ministros e para os estabelecimentos onde devem ser educados.

(Continua).

A. FERREIRA PINTO.

Camillo Castello Branco

Uma página d'autobiografia religiosa

Não falta — em época tão de caracteres falhados como a nossa — quem acuse o homem de genio, que em vida illustrou o nome de Camillo Castello Branco, duma completa, absoluta falta de seriedade. Alguns mesmo evitam de diminuir-lhe o valor litterario, trazendo para o primeiro plano as suppostas provas da sua desvergonha, como se fôsse mistér ser santo para ser sabio. E são geralmente os que se dizem mais livres da preocupação religiosa — que reputam indigna de seus altos espiritos — quem formula o libélo accusatorio do auctor illustre do *Regicida*, aduzindo, como valiosa prova, a sua inconstancia pelo que se refere ás crenças e á fé.

De facto, Camillo parece apresentar, na sua obra, o quadro triste d'alguem que ora se curva reverente ante os altares, ora se ergue, iconoclasta e atheu, a derrubar imagens e a proferir blasphemias. Ha um abysmo entre os

varios capitulos das *Horas de Paz*, e algumas das afirmativas mais vehementes da *Questão da Sebenta*, e é indubitavel que nem sempre Camillo foi um cathólico que devesse merecer os elogios do seu Bispo. Mas só o leitor apressado ou menos intelligente julgará que o grande Escriptor expendia, ao mesmo tempo, opiniões desencontradas.

A evolução religiosa de Camillo é curiosa d'estudar. Não sei se bebeu as crenças com o leite, porque, morrendo-lhe a mãe pouco depois de nascer, logo lhe faltou, pobre criança, quem devêra ser junto d'elle a representante do ceu. O horror de não ter mãe só o conhecem os orphãos, os engeitados, ou os que Deus collocou sósinhos e tristes no deserto da vida. E é bem desconfortante, nas noites algidas d'inverno, quando surge nos ceus a tempestade e não passa viv'alma pelas ruas, não ter um regaço de mãe, esfarrapado embora, onde esconder a cabeça loira e timida. E' bem desconfortante...

Camillo não teve mãe, e, a breve trecho, lhe falleceu o pai, n'uma agonia lenta, dizendo a espaços ao pequenito, que abria muito os olhos intelligentes: « que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame »!

Atiraram-no as vicissitudes da vida — triste vida! e tinha só dez annos! — para Traz-os-Montes, pr'a Samardan. Ahi lhe foi dado conhecer aquêlle santo, bondoso padre Antonio de Azevedo — « nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam, e os enfermos d'alma abençoam » — a quem, vinte e três annos mais tarde, havia de dedicar *O Bem e o Mal* e cuja recordação conservou atravez da vida, mesmo quando mais impetuosas se erguiam as paixões e mais o seu espirito se affastava do coração immenso de Deus. Foi em padre Antonio que aprendeu a conhecer a virtude, e soube pagar ao digno sacerdote os cuidados que lhe dispensára.

Depois vem o episodio do seu primeiro casamento, a sua ida para o Porto, os primeiros estudos no caminho aspero da medicina, a sua mocidade solta, a precoce viuvez. Entra nas lettras. Dá os primeiros passos na politica — passos apressados e incommodos, na rectaguarda da

guerrilha de Milhúndres, trabalhando pela restauração do Senhor D. Miguel primeiro.

É só depois d'isto, em seguida a uma tentativa de suicidio, que lhe vem o desejo de ser padre. Era o tempo em que Camara Sinval abandonára o mundo para envergar a sotaina e dizer, do alto do pulpito, a palavra de Deus. Pela mesma época, na imprensa, defendia com denôdo a causa da Religião, á qual estava sinceramente devotado, o proprio Camillo, que á Egreja devia lançar algumas das mais causticantes ironias da sua penna.

A partir d'este momento, e abandonados os estudos ecclesiasticos, como já abandonára a medicina, o auctor da *Engeitada* oscilla entre uma piedade romantica e um scépticismo doloroso, em que ha manchas de lagrimas e nodos de sangue.

*
* *
*

Esta é a conhecida evolução do espirito de Camillo, pelo que toca ao sentimento religioso. Nem aqui se rememora para outra coisa que não seja juntar elementos para bem comprehender-se a pergunta — unica importante — que, de seguida, formulamos.

¿Era sincero, o Escriptor nos varios matizes da sua opinião, ou, pelo contrario, representava para o publico uma comedia, escrevendo conforme lhe pagassem, ou segundo o seu interesse de momento?

A nosso vêr, manifestando em horas differentes opiniões diversas, Camillo nunca violentou a sua consciencia. Temperamento facilmente impressionavel pelas circumstancias de momento, soffrendo intensamente a vida inteira, sem mãe, sem pai, quantas vezes sem recursos, os seus livros são como o *Diario*, em que registou uma a uma as dôres do seu coração, os seus pensamentos mais secretos. Com trechos das suas obras, todos elles confissões preciosas, já foi condemnada a sua auto-biografia. Mas evidentemente escaparam ao paciente colleccionador alguns textos luminosos, principalmente os que, por se-

rem retrato de personagens mais ou menos imaginadas, precisam d'um certo trabalho de identificação.

N'esse caso está a seguinte passagem do *Amôr de Salvação*, romance publicado no anno de 1864. Refere-se a um certo Affonso de Feire e vem, a nosso ver, lançar preciosa luz no caso que discutimos, podendo considerar-se a melhor pagina d'auto-biographia religiosa, que Camillo nos legou, apesar da insistencia com que se dava a attribuir aos seus heroes os proprios sentimentos.

«Eu tinha visto Affonso de Feire, em Coimbra, n'aquella primeira epocha, matriculado no curso philosophico. Pertencia ao circulo de litteratos, creadores da *Revista Academica e Trovador*; e tambem, nas horas furtadas ás palestras litterarias — quasi sempre controversias ácerca da primasia de Lamartine ou Victor Hugo — pertencia á grande tribu dos *trocistas*, gente amadora e desatinada, para quem as saudosas tradicções do famigerado José Lôbo não tinham ainda esquecido. Esta dualidade em Affonso de Feire, era uma distincção, que o tornava menos agradável aos litteratos circumspectos, e menos estimavel tambem aos camaradas d'assuadas e motins nocturnos. Affonso era poeta d'um genero galhofeiro, quando queria; e dedilhara o alaúde das elegias, se lhe dava para lastimar-se, ou carpir saudades imaginarias de mulheres, suas amadas, fugidas d'este lamacento globo para os plainos balsamicos do céu. E' o que me parecêra a mim. *Tinha dias de escrever jaculatorias em verso que dariam fama a um eremita da Thebaida; n'outros dias, satyrisava a religião, os dogmas, e a propria divindade com os apódos e dialectica d'um desbragado discipulo de Voltaire. E o mais para assombro é que elle parecia sentir no coração o ascetismo de hoje, e a impiedade d'amanhã: agora, iria depôr o palio da extrema-uncção murmurando as préces do povo, que não se peja d'orar em publico e alta voz; e logo bem poderia succeder que, encontrando o mesmo préstito, não levasse a mão á frente para tirar o gôrro. A um homem assim dotado de tão contradictorios espiritos, facil seria agourar-lhe grandissimos dissabôres no tracto da existencia: para os semelhantes d'aquelle*

funesto modelo, as estradas communs da humanidade não conduzem a paragem nenhuma certa; nem o coração nem o espirito acceitam leis immutaveis; a moral é um facto, cujas condições deve e pôde infringir aquelle a quem ellas não aproveitam: em summa, Affonso de Feire dava a prevêr um desgraçado, a menos que em sua indole não sobrevivesse uma das raras revoluções, que transfiguram o homem moral, se não é o abalo da mesma desgraça que opéra esses prodigiosos reviramentos».

Isto se lê a paginas 17 e 18 do já citado *Amor de Salvação* (3.^a ed. — Porto, 1887) e mostra nitidamente uma face — sem duvida a mais interessante — da intrincada psychologia do maior romancista portuguez do século XIX.

Pondo em evidencia este trecho, aprez-nos contribuir, modestamente, embora, para que justiça seja feita ao grande escriptor, que, ha vinte e quatro annos, abandonou o mundo, no seu quarto de Seide.

Coimbra, 1 de Junho de 1914.

D. JOSÉ MANOEL DE NORONHA.

Chronica do movimento social

Começaremos hoje pelo registo de um importante documento pontificio, ao qual a imprensa catholica do nosso paiz quasi se não referiu. Trata-se do *Motu Proprio* de S. Santidade Pio X, de 19 de março do anno corrente.

Versa este documento sobre a questão da emigração dos italianos e contem disposições que muito interessam á acção catholica no terreno religioso e social. Como não se trata de um texto muito extenso, julgamos conveniente dar aqui a traducção, para depois fazermos sobre elle as considerações que sucita.

Motu Proprio do Santo Padre Pio X sobre os emigrantes italianos.

Ha já muito tempo que, em cada anno, ou a necessidade de ganhar o pão de cada dia, ou o desejo de melhor fortuna, induz uma multidão d'homens a deixar a Italia e os leva para as regiões d'além dos Alpes e principalmente para as regiões d'além mar.

E ninguem ignora que numerosissimas colonias de italianos existem em toda a America, na França, na Allemanha, e em outros povos; e ahi estabelecem a sua habitação para não mais voltar, ou esperam voltar á sua patria, logo que tenham alcançado, graças ao trabalho de suas mãos, uma certa somma de dinheiro.

Quasi custa a acreditar a quão grandes perigos a fé catholica e os costumes christãos se encontram muitas vezes expostos, sem que mesmo tenham sempre a sorte de alcançar para a vida presente os recursos que esperavam.

Com effeito, a maior parte d'elles, de natureza simples, sem experiencia das coisas humanas, insufficientemente instruidos na doutrina da religião, quando chegam a paizes cuja lingua e leis não conhecem, cahem facilmente nas ciladas que lhes levantam de toda a parte pessoas da maior improbidade, as quais os inscrevem em seitas e sociedades inimigas da fé e da vida christã, ou abusam do seu trabalho, retribuindo-o com um infimo salario.

E' portanto absolutamente preciso fazer com que, quando os emigrantes sahem do seu paiz, encontrem ao seu lado, na sua viagem, homens que cuidem deligentemente dos seus negocios tanto espirituais como temporais. Pede-o a caridade christã, exige-o a causa da humanidade e aconselha-o o interesse commum.

E' na verdade de alto interesse, para as nações que recebem emigrados, que estes sejam sobrios e observem a religião: a sua patria d'origem encontra n'isso a mesma vantagem, quer porque um dia elles voltarão ao seu seio, quer porque manterão necessariamente com ella multiplas relações de interesses e deveres.

Por isso a Sé Apostolica, que tem um cuidado paternal por todo o mundo catholico, estendeu a sua vigilancia sobre todos os que costumam emigrar, mas especialmente sobre a emigração dos italianos, que é muito mais numerosa que a das outras nações.

Por tal motivo não omittiu nenhuma occasião, particular ou publica, de recommendar aos bispos a causa dos emigrantes, exhortando uns a que nunca olhem como estrangeiros aquelles que se

ausentam das suas dioceses, pedindo aos outros que auxiliem todos aquelles que a emigração conduz ás suas dioceses durante todo o tempo que lá permanecerem; sendo obrigados em consciencia, por grave dever, a cuidar tanto das que são adventicias como das outras ovelhas do seu rebanho e a ter por ellas uma sollicitude tanto maior quanto lhes parecer mais necessaria.

D'esta sollicitude apostolica pela salvação dos emigrados, sobre tudo dos emigrados italianos, são outros tantos documentos: a carta do nosso amado filho Cardeal Secretario d'Estado, de 8 de setembro de 1901, e as nossas Cartas, pelos quaes de Motu-proprio criamos um officio especial, para cuidar do interesse espiritual dos emigrantes, junto da S. Congregação do Concilio, a fim de que não sejam recebidos entre o clero americano senão os sacerdotes italianos que pelo zelo das almas e exemplo da vida se mostrem uteis ministros das coisas sagradas.

Graças, portanto, ás medidas da Sé Apostolica, ao zelo dos bispos, succedeu felizmente que as multidões que emigraram para a maior parte da dioceses da America, da França e da Allemanha, encontraram lá excellentes auxilios, devidos principalmente aos sacerdotes que eram da mesma nação e conheciam a sua lingua e costumes.

A estes esforços se juntaram em toda a Italia, como era conveniente, muitos *Comités* e *Patronatos* a favor dos emigrantes, e outros institutos fundados pelos bispos, por membros do clero e pelos proprios leigos com uma generosidade insigne e uma grande dedicação á sciencia christã.

N'este ponto devem lembrar-se com especial louvor as familias religiosas homens e mulheres que, para vir em soccorro d'aquelles que tinham mudado de territorio, consagraram a este ministerio muitos dos seus membros e muitas das suas casas.

Todavia conheceu-se por experiencia que todos estes recursos eram muitas vezes insufficientes em consequencia do continuo augmento e mobilidade da emigração; o que sobre tudo faltou foi reunir um grande numero de padres seculares devidamente formados para este ministerio.

E' por isso que, desejando, quanto está em nós, occorrer a esta necessidade, e dar-lhe remedio que cure o mal pela raiz, depois de termos pesado e examinado o assumpto e ouvido o parecer da Congregação Consistorial, resolvemos fundar n'esta cidade um

collegio de padres italianos, e por estas letras de Motu-proprio o fundamos.

N'este collegio não devem ser recebidos senão jovens padres do clero secular italiano que venham por conselho e ordem do seu ordinario. Devem alli permanecer um anno ou dois, até aprenderem a lingua, os costumes e as instituições d'alguns paizes onde se encontram estabelecidas colonias italianas, a fim de que, melhor instruidos, prestem serviços mais uteis aos seus concidadãos. Quanto á casa que devem habitar e regulamento a seguir, brevemente o declararemos em outra carta.

Entretanto pedimos aos bispos da Italia, e principalmente áquelles que contam nas suas dioceses muitos emigrantes que destinem a este instituto aquelles dos seus sacerdotes ou clérigos que julgarem idoneos para este ministerio. E quanto áquelles em cuja jurisdicção ha colonias de italianos insufficientemente providos de soccorros espirituaes, obterão por meio d'este Instituto aquillo, que sobre tudo os bispos da America manifestaram á Sé Apostolica ser dos seus desejos, isto é, terão onde procurar sacerdotes dignos e promptos a dispensar o seu ministerio aos italianos que vivem por lá.

E assim será mais facil fechar a ida para a America a padres menos formados nas coisas sacerdotaes, que para lá iriam, não impellidos pelo amor do Christo e zelo das almas, mas pelo desejo de promover os seus proprios interesses. Tambem por este mesmo motivo daremos proxivamente prescripções, e mais apertadas, por decreto da S. Congregação Consistorial.

Pelo que respeita á sustentação d'este Collegio e á partilha equitativa dos soccorros para todas as obras que, com approvação da Sé Apostolica, foram estabelecidos a favor dos emigrantes, pedimos aos Ordinarios da Italia que as subscripções que costumam fazer-se, e que recentemente recommendamos, ditas *Missionarios da Emigração*, sejam destinadas á fundação d'este collegio e depois a todas as obras que o protegem; e a somma obtida pela subscripção a mandem ao proprio Officio da Emigração, que funciona junto da S. Congregação Consistorial.

Mas, além d'esta subscripção, ficaremos muito gratos a todos aquelles que, movidos pela grande utilidade d'esta obra, enviarem alguma quantia ao mesmo Officio.

De resto, supplicamos a Deus se digne favorecer com a sua graça o nosso projecto, e faça com que elle dê na Italia e em todo

o mundo os fructos de salvação das almas que d'elle esperamos. Dado em Roma, em S. Pedro, no dia 19 do mez de março, na solemnidade de S. José esposo da B. V. Maria, no undesimo anno do nosso Pontificado.

Pio P. P. X.

Reputamos este documento importantissimo. A obra de protecção aos emigrantes, a que n'elle se alude, e designadamente a creação de um Collegio em Roma, especialmente destinado a preparar padres seculares que prestem serviços espirituais aos catholicos italianos que se encontram em colonias mais ou menos numerosas nos diversos paizes, sobretudo na America, não pode deixar de merecer a sympathia e o enthusiasmo de todos aquelles que se interessam pela prosperidade da Igreja.

N'um dos ultimos numeros da *Pax Social*, interessante revista que se publica em Hespanha, lemos que alguns bispos d'aquelle paiz, talvez em consequencia do *Motu-Proprio* do Santo Padre, se estavam preocupando seriamente com a assistencia espiritual aos hespanhois que tambem em grande numero emigrou para a America.

Quando fizemos essa leitura occorreu-nos logo o pensamento de alludirmos ao dever que impende sobre os bispos portuguezes, relativamente a este mesmo assumpto da emigração. Passaram semanas e esquecemos o nosso proposito. Agora a leitura do texto do *Motu-Proprio* que encontramos n'uma grande revista franceza, e os dados estatisticos que essa mesma revista publica acerca da emigração nos diversos paizes europeus, decidiram-nos a chamar a attenção dos leitores da *Lusitania* para a obra similar que urge fazer em Portugal.

*

É sabido que o povo portuguez dá, sobretudo ha vinte annos a esta parte, um enorme contingente de emigrantes para diversos paizes. Mas a emigração portugueza dirige-se, como a italiana, de preferencia para a America e, na America, principalmente para o Brazil. A colonia portugueza no Brazil é numerosissima.

Tambem como os italianos, dos emigrantes portuguezes que vão para o Brazil, muitos estabelecem-se lá para não mais voltar. Lá constituem familia e o Brazil torna-se a sua nova patria. Mas

o maior numero talvez aspira a fazer um pouco de fortuna e voltar em seguida á sua patria, á sua aldeia onde o prendem sentimentos, affeições, interesses e sobre tudo os laços de sangue.

Temos nós os catholicos portuguezes, teem os dirigentes da vida catholica nacional pensado alguma vez a serio nos interesses religiosos d'essa numerosissima população portugueza que emigra para o Brazil?

Parece-nos que não.

E comtudo é sabido que a fé e os costumes christãos d'esses emigrantes estavam expostos a graves perigos.

Ha poucos annos ainda (e hoje mesmo isso acontece) raro era o portuguez vindo do Brazil que não vinha eivado de erros grosseiros em materia de religião. Voltando ás suas terras, com ou sem fortuna, muitos mostravam-se indifferentes, e alguns declaravam-se livres pensadores. Outros traziam influencias protestantes, e não poucos haviam-se filiado na maçonaria, mantendo uma certa religiosidade, mas prescindindo da missa e dos sacramentos, sobretudo da confissão.

Havia bastantes excepções, sem duvida. Mas a maior parte dos novos *brazileiros* voltavam avariados na sua antiga fé. Chegados ao Brazil, raros eram os que continuavam a cumprir os seus deveres religiosos, os preceitos da Igreja, por longa que fôsse a sua permanencia lá. De volta do Brazil, só um pequeno numero retomava os seus antigos habitos christãos.

Evidentemente durante o tempo de emigrados estes individuos estiveram privados da assistencia espiritual que as novas condições de vida tornavam ainda mais necessaria. A organização catholica nas dioceses brazileiras era, em muitas incipiente, em todas incompleta. As dioceses extensissimas, o clero deficiente no numero e na qualidade. A organização parochial, fóra dos grandes centros, quasi por fazer.

Em taes condições, é de admirar que os portuguezas que emigravam para o Brazil, voltassem de lá gravemente prejudicados no seu patrimonio religioso? O contrario é que deveria provocar a nossa admiração.

Mas dava-se ainda a circumstancia do proprio clero portuguez que ia para o Brazil favorecer a deschristianisação dos seus compatriotas.

Por via de regra os padres que emigravam, faziam-no, não por

espírito de apostolado, mas por ganancia, quando não por necessidades imperiosas.

Iam, como qualquer secular, unicamente para governar a sua vida, para fazer fortuna. E os que não abandonavam o seu ministério ecclesiastico, faziam d'elle quasi somente um modo de vida.

Com um clero assim, como manter a fé e as virtudes christãs n'uma população de emigrantes?

É certo que alguns padres portuguezes prestaram no Brazil serviços religiosos assignalados; que se fundaram igrejas para a colonia portugueza e instituições de beneficencia que fazem lembrar as nossas antigas Misericordias.

N'isto se revela a generosidade da raça. Mas tambem é certo que estas obras estavam longe de satisfazer ás necessidades espirituais de uma colonia numerosissima e crescendo sempre.

Natural era que os bispos portuguezes e os bispos brasileiros, unidos pelo interesse commum da mesma fé religiosa, da dedicação á mesma Igreja, procurassem combinar entre si o meio de remediar os males, que se faziam sentir n'um e noutro paiz.

Mas, que nós saibamos, apenas se cuidou de impedir a ida para as dioceses brasileiras de padres mal comportados, movidos apenas pelo interesse, que appareciam por lá até sem jurisdicção, perturbando a disciplina.

Não temos conhecimento de que se tomassem outras medidas, e mesmo estas, apesar de inteiramente justificadas, diremos mesmo absolutamente necessarias, tem sido illudidas frequentemente.

Ora afigura-se-nos que a obra da assistencia espiritual aos emigrantes portuguezes, sobre tudo no Brazil, se impõe como uma obra de primeira necessidade e de dupla vantagem: vantagem para os catholicos brasileiros, vantagem para os catholicos portuguezes.

Sabemos que a situação da Igreja em Portugal é cheia de difficuldades, ha trez annos para cá. Mas com um pouco de iniciativa e uma decidida boa vontade muito poderia ainda fazer-se. Bastava que o Episcopado portuguez e o Episcopado brasileiro, ligados por tão estreitos interesses, concertassem entre si um plano d'acção commum.

Quasi temos a certeza de que a colonia portugueza no Brazil, tão cheia de generosidade e de patriotismo, saberia corresponder aos sacrificios que fizessem por ella no sentido de melhorar a sua situação espiritual.

O exemplo do Santo Padre, recommendando as instituições criadas na Italia em favor dos emigrantes, e criando elle proprio um collegio destinado a preparar clero para os serviços religiosos dos italianos emigrados, deve trazer ao espirito dos catholicos portuguezes, e particularmente aos ordinarios das dioceses, a convicção de que é de suprema importância fazer alguma coisa em Portugal de semelhante ao que na Italia se tem feito.

J. D'ALMEIDA CORREIA.

Bacharel em Theologia.

CHRONICÃ DO MEZ

Tambem eu por lá andei e ha poucos annos ainda, alheio a gandaiices inconfessaveis ; e quando por uma madrugada de agosto a deixei, linda sultana adormecida no carinho doce do rio, emmudecidos já os rouxinoes dos salgueiraeas, pelos cuidados das ninhadas novas, senti-me mais livre, sem colicas, mas tambem sem as saudades que era da praxe chorar.

Por esses tempos, escrevi eu n'um album :

Ó gentes do Direito, ó geração de gesso,
Crystallisada em carta no canudo :
Eu parto sem saudades e aborreço
Futricas, lentes, tudo.

E aborrecia ; aquillo já não tinha o perfume, a graça que velhas chronicas resavam e poetisavam de mysticos aromas toda a vida coimbrã, que aos olhos castos de nossos avós assumia uma feição romanesca, rescaldante de peccado, enevoada de aventuras lindas, com gorgeios de versos banães á mistura.

Bem differente se tornara a vida em Coimbra, nos ultimos annos, infiltrada de politica, doseada de reles espionagens, marchas de odio pelas ruas á luz vermelha e ondeante dos archotes, na caça ao *Thalassa* indefeso e desprotegido da auctoridade, estudantes assaltando casas de estudantes, quebrada a solidariedade que fôra o brazão heraldico da Academia.

Nunca a minha capa cosida a palitos, como diziam os da minha geração, se enodou d'essas torpezas que vincaram a vilania de alguns que se diziam estudantes e não tiveram a coragem de renegar essa qualidade e rasgar as vestes que lhe davam todo o seu honrado prestigio.

Podia-se lá ter saudades de Coimbra, assim...

Não obstante, tudo quanto se passa a dentro do velho burgo, interessa, prende, encanta os que por lá andaram, coração emplumado de chimericos sonhos, e de lá sahiram, juristas encravados, para o beco da vida pratica, dispersos por desvairadas terras e tantos pela poeira dos covacs silenciosos.

Por isso, o conflicto de agora, de origens mal definidas ainda, mas de effectos graves e consequencias assustadoras avivou lembranças de velhas rixas entre o escolar desdenhoso, arrogante, superior, e o futrica desconfiado que explora e olha de esguêlha.

Elle serviu para reatar, ao que parece, a tal solidariedade antiga e pôr em triste destaque a incoherencia de um estadista de pataco que mandou encarcerar na Penitenciaria trezentos estudantes, esquecido já da especulação que serviu e fomentou em 1907, aconselhando intransigencias, subindo aos quartos-andares da Alta, mandando recadinhos a uns, bilhetinhos a outro, para embaraçar e difficultar a resolução da grêve, pensando que assim eriçava de insuperaveis obstaculos o caminho de João Franco.

A contrastar com este boneco de chumbo ha a nobilissima attitude do professor Guilherme Moreira, reitor da Universidade.

É sempre difficil, n'aquelles lances, a missão do prelado universitario. Qualquer acto irreflectido os perde e mata pelo ridiculo, como hontem Daniel de Mattos, o grande medico, gritando em plena via-latina aos estudantes que, se queriam sangue, ali tinham o seu peito de velho: disparassem.

Guilherme Moreira não conhece preguiça nem fraquezas. Sempre egual e harmonico no cumprimento austero do seu dever, elle governa e dirige a Academia com um fio de seda. Não por promessas ridiculas e espaventosas; promete justiça e uma intemerata defesa das justas regalias academicas.

Positivamente, elle conquistou a Academia sem gestos de ensaiador de melodramas.

Se elle em vez do sabio civilista que é, fosse um ambicioso vulgar, os regimens arreceiar-se-iam d'elle — o chefe querido do lusido exercito da mocidade coimbrã, capaz de se bater e morrer por aquelle lente e prestigioso Reitor.

O *outro* é o *outro*: uma mediocridade encadernada em collarinhos e chapen alto, que bate o pé porque dispõe da força e não sente ruborizar-se-lhe a face encarquilhada, chamando *escrocs* aos monarchicos e *pasquins* aos seus jornaes!

Este é o mesmo que ordena as apprehensões, rabugento apostata, esquecido das predicas balofas e suporíferas com que entretinha a pasmaceira dos vadios em tempos não longinquos.

Este é aquelle innocente que assignou a concessão das aguas de Rodam, o monumental escandalo da ultima hora, levantado na Camara por Camillo Rodrigues, um novo de rara coragem que bem desejava incorruptivel a *desgraçada Republica pé de cabra*.

Elle é Ambaca, S. Thomé, Binubas, Rodam e Opio, as primeiras contas de um rosario de escandalos do Partido Democratico, que levaram o seu

chefe a desafiar Antonio José d'Almeida para um duelo, como se a honra dos partidos se lavassem a tiros de pistola ou golpes de sabre.

Não, o artigo da *Republica*, sobre ser bem escripto, como são quasi todos os artigos de Alfredo Pimenta, reproduz o que todos sabem e boquejam e não pôde diluir-se a verdade que elle encerra pelo systema raçoso das Ordalias.

Bem fez Antonio José d'Almeida recusando bater-se em duelo, mas desafiando para todos os campos o seu adversario, tal como Alfredo Pimenta, ambos n'uma intima harmonia entre os principios que professam e os actos que praticam.

O que virá depois?

Enturvam-se os ares e ninguem poderá prever o que succederá na emergencia de um encontro.

Os evolucionistas vão para a Camara armados, dispostos a jogar cara a vida em defesa sua e do chefe; os democráticos, sob o peso de accusações tremendas, armam-se tambem para a defesa da honra esfrangalhada do seu partido.

O que virá?

Fujamos, fujamos do tremedal em que se joga a ultima cartada de um grande drama, entremeado de comicas scenas; alcemos o olhar á estrella guiadora da nossa fé.

Por ella se bate, sincera e crente, a Juventude da nossa Terra, que nos dá festas como as de Vizeu, de uma grandiosidade unica, de superior realce e encantado brilho, que ficarão na historia das Juventudes como uma das paginas de mais vigoroso e accentuado relevo.

E dizia-se que tudo acabaria em curto praso sepultado na onda jacobina!!!

Roma faz cardeal o Patriarcha de Lisboa e pelas brancas ermidas de Portugal, ao sol quente do nosso céu tão lindo, os santos tem ainda o culto das gentes simples das nossas aldeias.

Santo Antonio, S. João, S. Pedro... lindas romarias d'esta encantada Terra, sob a torreira do sol, florindo em limpidos cantares de beleza enternecedora e sã...

João de Castro

Advogado.

Bibliographia

Une âme de lumière. Le P. Gratry por P. Jean Vaudon. Um vol. in-12, de 326 p. 3 fr. 50. Téqui, 82, rue Bonaparte, Paris.

Como muito bem observa o auctor: « Ha na casa de Nosso Pae que está nos céos e na sua criação esplendida, uma maravilhosa variedade de almas. Entrevêl'as cá na terra, é uma deliciosa alegria e um beneficio. Só na eternidade poderemos admiral'as. » D'esta esplendida variedade, o P. Vaudon escolheu a do P. Gratry, não pára a exalçar n'uma apologia sem sombras, mas para nol' apresentar tal como ella foi, ovelha transviada, errante por alguns dias, mas sempre saudosa do redil e cuja vida e sciencia incontestada se resumem n'esta phrase: « A minha sciencia conduz-me a amar. A minha fronte, menos altiva, inclina-se, dobra-se um pouco para o meu coração, tende para a benevolencia para com o proximo ».

La litterature et nos responsabilités. Curso na Semaine Sociale de France, por R. Vallery, Gabalda, Paris.

« A principio, diz o auctor, todos pensavam que a litteratura era mero jogo de requintados ociosos. O poeta era o Vidente por excellencia que sabia rasgar o véo das apparencias e descobrir ante os mortaes os segredos do sêr. Os seus canticos eram actos de fé que renovavam o *fiat* creador e restituíam a Deus n'um transporte de adoração, os esplendores do universo visivel e invisivel.

vel». E hoje? Hoje a litteratura tornou-se um divertimento sem fim moral. É preciso que « a arte confesse a Jesus Christo ». N'isto reside a esthetica offerecida aos espiritos que se erguem em busca de renovação.

Jesus vivant dans le prêtre, considerações sobre a grandesa e Santidade do Sacerdocio, por Millet, S. J. Téqui. Paris, 1914.

N'uma série de *considerações*, o auctor expõe, primeiro, a ideia geral do padre e em seguida estabelece um parallelo entre a vida de Jesus Christo e a do sacerdote, quer na sua vida propria quer na vida publica: — vida occulta, preparação para as funcções do sacerdocio; vida publica, exercicio do Santo ministerio; vida soffredora, provações do ministerio e condições do triumpho; vida eucharistica, a Eucharistia, o grande meio de triumpho; vida gloriosa, recompensa dos trabalhos do padre.

Livro utilissimo, é além d'um excellente manual de meditação, um bello propulsor e educador das virtudes e de verdadeira acção do padre.

Leon XIII et la question Sociale, mise au point, por A. Castelein, S. J. prefaciado por Van den Heuvel e Woeste, ministros de estado; preço 2 fr. 50. Albert Dewit, rue Royale, Bruxelles.

Já acalmaram as vivas controversias levantadas á volta da encyclica *Rerum Novarum* e é tempo de discutil-a com clareza e lealdade.

Eis o que faz Castelein, com altissima competencia, notavel precisão, espirito liberto dos preconceitos e excessos da direita e da esquerda.

« Quase todos os mal entendidos sobre questões sociaes entre catholicos veem, diz elle, de que alguns amesquinham ou exageram o sentido e o alcance de certas verdades theologicas na sua relação mais ou menos estreita com certas contestações e certas deducções das sciencias economicas. »

Partindo d'esta constatação e sem retomar o conjuncto do documento pontificio, que já foi objecto d'um seu primoroso estudo, o Padre Castelein analysa certas passagens essenciaes cujo sentido foi « violentado e desviado contra as convicções d'um grande numero de economistas christãos » e mostra-nos a sua veridica significação acêrea d'estes tres portos fundamentaes: — qual é a origem do mal social que tortura a classe operaria; quaes as suas causas; quaes os seus remedios.

Obra importantissima, d'ella contamos dar em breve aos nossos leitores um largo e util excerpto.

Grandeurs et devoirs de la vie religieuse, cartas pastoraes de Mgr. Plantier, arcebispo de Nîmes, com um prefacio do cardeal De Cabrières. Téqui, Paris.

Eis um tractado muito substancial sobre os devêres e pratica da vida religiosa. Os devêres geraes da vida religiosa, a observação da santa regra, as mutuas relações da auctoridade e da obediencia, o exercicio dos empregos e as santas delicadezas da virgindade, são estudados com a elevação e a mestria de um tão apreciado auctor, que com estas suas obras muito contribuirá para santificar, edificar e instruir, como disse o seu eminente prefaciador.

Mez de Junho

OU

Mez do Sagrado Coração de Jesus

: : POR JOSÉ AGOSTINHO : :

AVISO

São prevenidos, por este meio, os nossos estimados assignantes de que vamos enviar para o correio os recibos que deixaram de ser pagos na ultima cobrança, esperando que, desta vez, os não deixem devolver sem fazer o respectivo pagamento, evitando-nos, assim, despesas inutis.

Fls que directamente nos têm enviado os seus debitos o nosso agradecimento.

A DRECCÃO.

À VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO

Obra importantissima, d'ella contamos dar em breve aos nossos leitores um largo e util excerpto.

Grandeurs et devoirs de la vie religieuse, cartas pastoraes de Mgr. Plantier, arcebispo de Nimes, com um prefacio do cardeal De Cabrières. Téqui, Paris.

Eis um tractado muito substancial sobre os devêres e pratica da vida religiosa. Os devêres geraes da vida religiosa, a observação da santa regra, as mutuas relações da auctoridade e da obediencia, o exercicio dos empregos e as santas delicadezas da virgindade.

CEVA

Mez de Junho

— OU —

Mez do Sagrado Coração de Jesus

: : POR JOSÉ AGOSTINHO : :

Approvado e recommendado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto

Brochado, 100 ; Encadernado, 160 reis

PEQUENO MANUAL

dos Devotos do Coração de Jesus

contendo a corôa e novena do mesmo
SS. Coração

— Com approvação ecclesiastica —

— BROCHADO 60 REIS —

À VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

— PORTO —

ACABA DE APPARECER:

O PARAISO DO CHRISTÃO

PELO

Padre J. Lourenço de Mattos

Devocionario dedicado especialmente ás
jovens e ás senhoras.

É livro destinado a um grande successo,
porque versa com toda a proficiencia e espi-
rito religioso o dia, a semana, o mez e o
anno do christão.

*Approvado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto*

PREÇO 400 REIS

PEDIDOS Á

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO